

# O cru e o cozido

*Diálogos com a Cerâmica  
Contemporânea*

Isabela Frade, Rosana Paste





Universidade Federal  
do Espírito Santo



Editora Universitária – Edufes

Filiada à Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias (Abeu)

Av. Fernando Ferrari, 514  
Campus de Goiabeiras  
Vitória – ES · Brasil  
CEP 29075-910

+55 (27) 4009-7852  
edufes@ufes.br  
www.edufes.ufes.br

**Reitor**

Eustáquio Vinicius Ribeiro de Castro

**Vice-reitora**

Sonia Lopes Victor

**Chefe de Gabinete**

Ana Paula Santana de Vasconcellos Bittencourt

**Diretor da Edufes**

Wilberth Salgueiro

**Conselho Editorial**

Ananias Francisco Dias Junior, Fátima Maria Silva,  
Gleice Pereira, José André Lourenço, Margarete  
Sacht Góes, Othon Souto Campos, Paulo Rogerio  
Garcez de Moura, Rodrigo de Alvarenga Rosa,  
Rogério Borges de Oliveira, Rosana Suemi  
Tokumar, Sandra Soares Della Fonte, Sergio Lins  
de Azevedo Vaz, Telma Elita Juliano Valente

**Secretaria do Conselho Editorial**

Douglas Salomão

**Administrativo**

Josias Bravim, Washington Romão dos Santos

**Seção de Edição e Revisão de Textos**

Fernanda Scopel, George Vianna,  
Jussara Rodrigues, Roberta Estefânia Soares

**Seção de Design**

Juliana Braga, Samira Bolonha Gomes

**Seção de Livraria e Comercialização**

Adriani Raimondi, Ana Paula Rubim,  
Dominique Piazzarollo, Marcos de Alarcão,  
Maria Augusta Postinghel

**Produção Cultural**

Déborah Pinto Corrêa

# O cru e o cozido

*Diálogos com a Cerâmica  
Contemporânea*

Isabela Frade, Rosana Paste



Nas décadas mais recentes, o ambiente acadêmico na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) passou a experimentar um saudável e produtivo movimento de incentivo à produção artística e cultural, com a consolidação de diferentes iniciativas que impulsionam ações no universo da criação e da multiplicação do conhecimento. Assim, foi com vibrante e manifestado entusiasmo que a Secretaria de Cultura (Secult/Ufes) abraçou o projeto O Cru e o Cozido, idealizado e desenvolvido pelas talentosas professoras artistas e pesquisadoras Isabela Frade e Rosana Paste. Com o suporte da Administração Central da Universidade e a permanente parceria com o Centro de Artes (CAr/Ufes), segue em curso consolidado a emergente disposição de construção de uma concepção que busca ferramentas modernas, abrangentes e inclusivas para empreender arte e cultura associadas ao ensino, à pesquisa e à extensão.

Assim, tornou-se indispensável estar por perto, juntos, neste projeto, que traz um vigoroso catálogo sobre a cerâmica e todo o seu contorno criativo na Ufes e no mundo. A atividade ceramista – sensível, artesanal, ancestral, contemporânea – está presente no ambiente acadêmico da Ufes desde o final do século passado, proporcionando qualificada formação para diferentes gerações de artistas plásticos e pesquisadores. O barro, as mãos, as técnicas, os utensílios e os delírios da criação artística, quando misturados, resgatam histórias, preservam memórias e possibilitam uma encantadora conexão visual, tátil, espiritual e emocional entre o chão, a terra e a ancestralidade e a realidade diária.

Em seus diferentes processos, a atividade ceramista, esta potência inovadora coerentemente bruta, sensível e poética, alimenta a vida no imaginário das sutilezas e no cotidiano real e propõe a reconstrução de valores e conceitos a partir de tudo que aparentemente ficou para trás. Vale observar que a cerâmica alcança posição elevada na arte contemporânea como um processo expressivo que associa tradição e inovação. Para além da funcionalidade utilitária, ela explora conceitos artísticos simples e complexos e desafia fronteiras entre a arte e o artesanato. A cerâmica é puro resgate das tradições ancestrais, e é a mais perfeita intenção da reinterpretação da vida.

A cerâmica é uma das formas mais antigas de expressão artística e possibilita que artistas contemporâneos resgatem e desenvolvam técnicas tradicionais para trazê-la à atualidade. Este diálogo e esta interação entre o passado e o presente impulsionam a produção artística e trazem inovadoras narrativas e perspectivas. E são essas reflexões que as nossas pesquisadoras Isabela Frade e Rosana Paste, generosamente, nos propõem.

Na arte contemporânea, a cerâmica representa possibilidades e dimensões infinitas para a experimentação e o rompimento de limites estabelecidos, para a exploração de texturas, de formas e de cores. Possibilita, também, abordagens a temáticas como identidade social, corpo, questões de gênero e etnias, desenvolvimento ambientalmente sustentável, abrindo novas expressões a partir de seus materiais e conceitos. A cerâmica representa uma experiência sensorial única, com uma rebeldia agreste e urbana que a diferencia de outras manifestações artísticas. A associação entre o barro e o fogo promove uma condição sensível, transformadora, entre o artista, a obra e o público, numa relação física e emocional.

A percepção espacial, a criatividade, a observação sobre texturas, formas, volumes, a tridimensionalidade, entre outros aspectos inerentes à atividade ceramista, acabam por se expor como componentes elementares ao desenvolvimento humano. Por não estar no rol das artes com produções mais urgentes, a cerâmica implica processos mais extensos, que passam pela modelagem, secagem, queima, esmaltação, insinuando para um aprendiz, por exemplo, noções sobre planejamento, paciência e resiliência. A Secult/Ufes se orgulha desta produção de excelência de Isabela e Rosana, valiosa para a nossa Universidade e para a sociedade.

**ROGÉRIO BORGES**

Secretário de Cultura – Ufes

É com grande entusiasmo que apresentamos o catálogo da exposição O Cru e o Cozido, um encontro vibrante de talentos da cerâmica contemporânea, reunidos por meio de uma cuidadosa curadoria que ecoou a diversidade e a riqueza da produção cerâmica atual. Esta mostra não apenas celebrou a habilidade manual e a alquimia da transformação da argila, mas também presta uma merecida homenagem à professora Regina Rodrigues, uma figura seminal cuja trajetória ilumina, inspirou e ainda inspira gerações de ceramistas no estado do Espírito Santo.

O Cru e o Cozido, título que nomeia a exposição realizada na Galeria de Arte e Pesquisa da Ufes, simboliza não apenas os estados físicos da argila, mas também as transformações que ocorrem no processo artístico: da matéria bruta à elaboração refinada, do gesto espontâneo à reflexão consolidada. Os artistas aqui reunidos, selecionados por sua originalidade e relevância no campo da cerâmica, apresentam obras que dialogam com essa dualidade, explorando técnicas tradicionais e experimentações contemporâneas.

Regina Rodrigues, artista convidada, é professora aposentada da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e dedicou sua vida ao estudo e à prática da cerâmica, transcendendo as fronteiras do utilitário para explorar as infinitas possibilidades expressivas da matéria. Com sensibilidade singular, Regina ousou explorar texturas, formas e a fusão de materiais, como a cerâmica e o vidro, criando peças que carregam profundidade simbólica e desafiam convenções. Sua visão expandiu o campo da cerâmica, demonstrando seu potencial como objeto de arte e reflexão, influenciando profundamente o panorama artístico local e nacional.

O Cru e o Cozido ecoa essa amplitude de possibilidades, apresentando um conjunto de trabalhos que dialogam com a tradição e a inovação, o funcional e o conceitual. Os ceramistas selecionados demonstram uma notável variedade de abordagens, técnicas e estéticas, revelando a vitalidade e a constante evolução da cerâmica como linguagem artística. Das formas primárias e texturas brutas do “cru” à sofisticação e ao acabamento do “cozido”, a exposição convidou o espectador a contemplar o ciclo transformador da argila e a expressividade singular de cada gesto.

Esta mostra foi, portanto, uma celebração da maestria artesanal, da experimentação criativa e do legado inspirador de Regina Rodrigues. É um convite a mergulhar no universo tátil e visual da cerâmica, a apreciar a beleza intrínseca da matéria e a reconhecer o talento daqueles que moldam a argila com paixão e inventividade. Que este catálogo seja um registro duradouro deste encontro fecundo entre o “cru” e o “cozido”, entre a tradição e a vanguarda da cerâmica contemporânea, um testemunho da vitalidade dessa arte milenar, sempre em renovação.

**LARISSA FABRICIO ZANIN**

Diretora do Centro de Artes

# Cozimento e Depuração, Crueza e Penetração

Isabela Frade, Rosana Paste

São duas as polaridades da argila. O seu estado primitivo, cru, terra batida ou pulverizada, pedra dura ou pó, e a cerâmica, matéria elaborada, queimada, resultado de uma faina artesã. A massa maleável acontece apenas na fase de modelagem; outrossim, perdendo a umidade, a argila volta ao estado primário de rigidez. Mas há uma intervenção criadora que investiga possibilidades. Introduce o fogo e inventa a cerâmica, a primeira matéria produzida artificialmente.

O oco faz da cerâmica um ser autônomo, um corpo escultórico que subsiste no sentido de fazer a terra respirar. Essa é a sua metamorfose: a matéria e a forma são o princípio, o seu próprio núcleo.

As formas, neste princípio aberto, estão sempre ocultas: escavadas, perfuradas, estriadas, elas precisam arejar. A peça pode estar escondendo seus orifícios, mas, para que ela se transforme em cerâmica, precisa respirar.

Quando o úmido se espalha para o seu manusear, a água desce por entre capilaridades finíssimas e é absorvida rapidamente. As gotas de água a soltam, a liberam, e a massa segue, pouco a pouco, tornando-se plástica, radicalmente diferente da relação inicial com o estado árido; a argila dilui-se. E depois o rígido, o estático, o silencioso e o insípido se perdem quando a argila, hidratada, amolece e se aglutina em massa. E todos esses estados podem ser considerados crus. As metamorfoses da matéria e da forma são o princípio da cerâmica.

“Ocultar e esquecer são constitutivos do manifestar”, eis a compreensão direta do real, faria pensar Werner Aguiar, filósofo dedicado a entender os primórdios da *ratio* ocidental; pensa em *alétheia*, horizonte onde a *veritas* ocorre sob véus. Não há nada na vida social que não seja roupagem, máscara, veladuras sobre veladuras, camadas de signos entremeadas de narrativas. A cerâmica carrega consigo todas as ancestralidades.

Podemos, aqui entre nós mesmas, dizer que a arte é constituída por essa manobra de um duplo desvelamento: o ser ou a comunidade desvelar-se-iam, em profunda transubstanciação.

Ocorre do mesmo modo como uma panela de barro se faz símbolo profundo de uma cultura. Ou como uma figura de terracota, um tipo de imagem icônica, a fundar um santuário hoje de proporções monumentais, criando repertório de devoções e nuances culturais intrincadas. Ser reconhecida em qualquer região, atestando que é cultuada ubiquamente por esta nação e, assim, chegando a ser nossa padroeira, a Virgem Aparecida.

Envelopada na linguagem esculpida pelos cânones católicos e resignificada pelos umbandistas, a mãe divina e pura ou a senhora das águas nascentes, daquelas que correm das montanhas, cachoeiras, se presentifica no tato, ao pulsar da matéria. Essa condição barroca do santo em terracota tem marcado toda a nossa sensibilidade, somando-se à casa de taipa e à panela de barro. Ícones de sociabilidade, memória afetiva das nossas origens rurais, nosso passado de pé no chão.

Tocamos no ponto de origem como terreno de contato intercultural. E, entre essas camadas, lembramos e afirmamos que não deixamos de ser barrocos. O carnaval manifesta esse caráter, estilo, sua performance, suas procissões figuradas, mascarados, fato herdado da pedagogia dos jesuítas. Marcou a alma colonial. Assim como a casa de taipa evoca a lama primordial.

O barro é ancestral mas também é contemporâneo: hodierno, circulando sempre na cultura. No Brasil, esse apelo é contracolonial, fazendo da cerâmica uma prática subalterna, uma arte popular docemente insurgente. E haveria entre seus véus algo que toca a condição de seu tempo e seu lugar, pois é um pedaço de chão.

A verdade na arte não existe, arte é artifício. Nem mesmo é a essência de algo. É brinqueado ou evocação do trauma na dupla exaltação de alegria ou dor, do humor ou da tragédia que se abrem em leque, em nuances que podem ser cada vez mais sutis. É pela operação na linguagem que ultrapassamos o jogo de veladuras para admitir sentimentos e ideias, noções perpassadas por imagem, movimento e matéria para a marcação das existências. No jogo remissivo de sentidos, em sua produção criam-se as ferramentas que erguerão os véus, cortinas, telas, suportes por qualquer dos canais, exprimindo a necessária via de estabelecer relações entre nós.

Lévi-Strauss iria tocar nesse quesito ao trazer, na obra *O cru e o cozido*, a base cultural da preparação do alimento. Sem cozimento, não haveria cultura. E, recordamos, não se trata apenas do fogo: cozinha-se com fermentação, com processos de elaboração da carne, da fruta, do grão, da raiz e da erva. É sobre esses procedimentos que a cerâmica é criada.

E, ao estudar as funções estruturantes do mito, aponta a sua propriedade singular como elemento fundante do ser social. Considerado irracional ou pura invenção, compartilhamos na arte a sua qualidade geradora. Na tessitura mais fina do elo social, a linguagem é uma demanda prioritária das estruturas sociais da humanidade, como estudou Lévi-Strauss no entendimento da questão da diversidade cultural e seus fundamentos societários.

Para nossa (também sua, leitor) reflexão e deleite incluímos, nessas experiências, um espectro aberto, amplo, aderido às imagens e sensorialidades, como o cheiro e o movimento. Não basta somente pensar. É necessário sentir e criar, vivenciar o exercício das veladuras às quais nos referimos anteriormente. A diferença sensível sobre a arte da cerâmica é que partimos desse solo matérico que em si mesmo fala de nossa gênese. Então, a partir dessas mínimas considerações, não falaremos apenas de formalismos mas de como também consumimos a forma, nem só de conceitualismos mas de especulações e experiências com cada um de seus elementos, seu grau de instabilidade.

São diversas e singulares as abordagens dos artistas na mostra. Entre dissolução e perda, miniaturização e multiplicação, a quebra e fragmentação, ou a concentração em propriedades materiais, como densidade ou peso, substância química e cor. E ainda viscosidade combinada com aderência, maleabilidade. Vamos descobrindo pelas obras as múltiplas qualidades da argila, suas potências expressivas e afectivas; sua razão.

## Devaneios curatoriais

Isabela Frade, Rosana Paste

Exegeses da imagem poética que vem alimentando gerações de ceramistas acadêmicos, *A terra e os devaneios da vontade* e *A terra e os devaneios do repouso*, obras integradas aos delírios materiais filosóficos de Gaston Bachelard, vieram, em total amplitude, tornar-se influência nas áreas amplas da arte, da educação, da saúde, da indústria e do mercado de bens de consumo pessoal onde a cerâmica tem presença. No mercado de objetos de arte, antiguidades, arquitetura, decoração e na arte contemporânea notamos o crescimento gradual e a relevância que vem adquirindo a cerâmica na cultura atual. Nos entusiasmos com essa potência.

São obras em análise de um imaginário poético no qual o estudioso buscou capturar suas formas prementes, seus movimentos e êxtases.

Em um outro clima menos eufórico, no sentido de fim de tudo, do fogo fatal, lembramos que esse ambiente apocalíptico tem trazido o retorno à arte da terra, aos seus primórdios como poder basilar do existir, do manter-se plenamente vivo, materializado. Não apenas a cerâmica, mas a madeira, o metal, a pedra trazem consigo a vibração precípua da existência primária, da fonte material.

Nesse âmbito, trazemos, de mais distante, outro pensador menos provável e, para nós, mais urgente, nesses tempos de catástrofes, em que o pensamento selvagem pede passagem. Lévi-Strauss abriu fronteiras para o entendimento de muitas humanidades e modos de pensamento nos quais cada manifestação é significado, mesmo que em aparente arbitrariedade. A partir do livro em que o autor trata da lida dos alimentos em polos como esferas limítrofes da condição de emergência da própria cultura – *O cru e o cozido* –, o trazemos como mote para pensar a cerâmica contemporânea. Criar um espaço de imersão onde o terra nua e crua dialoga com processos sofisticados de conceituação. Implica pensar ainda as queimas e seus processos como diálogos com outros lugares e temporalidades que permanecem vivas, pulsam.

Concordamos com Krenak que *o futuro é ancestral* e o pisar macio na terra é um meio de adiar o fim dos tempos. Sob o signo de forte intuição fomentada por essas observações e análises, propusemos um edital ao conselho diretor da Galeria de Arte e Pesquisa – GAP/Ufes invocando um aspecto radical dessas manifestações contemporâneas: O Cru e o Cozido significando os polos precípuos da cerâmica, derivados do resultado entre a

argila e sua queima. Diálogos com a Arte Contemporânea, no subtítulo, buscando implicar seu nicho predileto ou, tanto melhor, o nosso.

Nessa mesma exposição convidamos a artista Regina Rodrigues para estruturar a mostra, expondo parte de sua pesquisa desenvolvida durante o seu tempo de permanência na Ufes como docente da cátedra Cerâmica (1992 a 2015). Regina Rodrigues contribuiu para a consolidação da cerâmica enquanto campo de pesquisa acadêmica e artística. Assim, a mostra estabelece diálogos também com a história desta universidade, que comemorou, no ano de 2024, 70 anos, nos quais a cerâmica vem marcando presença. Nossa mostra integrou a série de eventos comemorativos dessa data.

Foram mais de 40 artistas inscritos com presença local e nacional. No edital foi divulgado que seriam selecionados 12 artistas para a exposição e Regina Rodrigues, nossa convidada e homenageada.

Tivemos como parâmetro principal o pensamento do artista e sua produção. Uma cerâmica pensada contemporaneamente, em sintonia com os aspectos prementes da gira atual: o abismo do próprio pensamento, os rompimentos das margens temporais e os trânsitos interculturais. Os artistas selecionados foram Cida Ramaldes, Clara Pignaton, Gina Abreu, Glayson Arcanjo, Isabela Sielski, Luciene Hibner, Marcos Martins, Mariana Wartchow, Ricardo Masi, Richard Fiorio, Sarah Coeli, Teresa Drago.

O exercício expográfico é uma linguagem que traduz o programa de uma exposição. Entendemos ser necessário adotar uma concepção e materialização do todo de forma que um trabalho não tire a força do outro e que a comunicação com o público seja instigante e provoque a criação de narrativas. A expografia foi tomando corpo à medida que recebemos as obras. Foram selecionados trabalhos em vídeo, fotografia, escultura, instalação, objetos. Destacamos determinados aspectos de vínculo entre abordagens que suscitem elementos de identificação conceitual. Procuramos deixar claros os limites constitutivos entre procedimentos abordados e as singulares questões estéticas diante de uma política dialógica das sensibilidades. Era o início de um colóquio sobre a cerâmica contemporânea em seus aspectos fronteiriços, dado pela provocação do edital a tratar dos polos cru e cozido.

A concepção curatorial da expografia teve início com a terra nas dimensões ecológica, espiritual, carnal e histórica onde estavam expostos os trabalhos de Gina Abreu, Marcos Martins, Ricardo Masi, Richard Fiorio e Regina Rodrigues. São artistas que tocam no âmago da materialidade em suas produções.

Regina mergulha suas mãos na argila tenra, lembrando os amassadinhos de Celeida Tostes, em gestos de força no diálogo corpo/terra. Unidas a bastões que se plasmam em direções verticais, disponíveis ao olhar que recebe essa obstinação da argila em estar receptiva, acolhendo mas, ao mesmo tempo, resistindo. Ou a mão que, inteira, é recolhida no contato profundo da massa que, tornada rígida e permanente pela queima, seguiu transposta em objetos para o manuseio do público. Um aspecto significativo destes bastões e quase-esferas é exatamente o processo de queima, que, feito em fogo direto, deixou várias marcas das chamas, em clara intenção de trazer o fogo à presença.

Mais ao fundo, do submundo, emerge a arqueologia de Richard Fiorio. Suas figuras tratam da antiguidade que nos legou o cânone. Cada uma das quatro peças, três tanagras (vênus) e uma miniatura de templo, foi constituída por essas manobras da métrica perfeita que modelam seus traços replicantes. Uma figura feminina articulada, com feições delicadas, cabelos dourados amarrados em arco nos sugerem uma boneca, uma marionete que guarda instrumentos em suas mãos, brincante. Uma Barbie grega? Seu semblante tranquilo nos instiga, evoca as pacíficas mulheres de Atenas. Já na outra figura, a harmonia, a proporção, o relaxamento e composição corporal e seus inúmeros detalhes nas vestes, nos paramentos, na *coquetterie* da dama, endereçam ao que poderia produzir uma nova mulher para o século V a.C. *Ménade* é o nome recebido no Louvre, onde sua imagem está depositada. A terceira, mais conhecida no meio arqueológico dos estudos das tanagras, a *Sofocleana*, é interpretada pelos especialistas como sendo a representação de uma atriz em cena. Em sua presença, o pequeno templo *Naikos II*, nicho vazio. Um modelo frequentemente encontrado em tumbas escavadas na Beócia, território da Grécia continental. Miniatura de um recinto sepulcral, suspiro de terra de um outro lugar, de um outro tempo que chega até nós.

Gina Abreu com um pote devocional nos transporta para a dimensão sagrada da arte, reverberando a energia de Exu. Em deliciosa provocação, a oferenda que o acompanha serve ao público o doce apelo da reflexão sobre o que se deseja e o que se consome, delicada determinação no chamamento para fazermos parte de uma consciência maior, plena de espiritualidade invocada pelos sentidos e calcada na dimensão ambiental da força evocada.

Uma mata feita de pequenos gestos na argila branca compõe o outro trabalho. Gina sensibiliza quem olha a fragilidade instaurada na pequena instalação e o caos ambiental que estamos atravessando.

A *Cadeira* de Marcos Martins evoca a ancestralidade no uso da terra em seu estado puro. É técnica sertaneja, sopapo, pau a pique, taipa de mão, processo utilizado pelos seus

antecessores, moradores do interior do estado do Ceará. O artista desloca sua simetria, objeto quase impossível impondo a precariedade para seu uso e, ao mesmo tempo, extrema economia de meios que sua materialidade contém. A terra utilizada no trabalho foi recolhida no processo de abertura de uma grande via da região metropolitana de Vitória, no contorno do Mestre Álvaro, ligando os municípios da Serra e de Viana. Assim, é território de despejo, da mudança urbanística e do apagamento ambiental.

Também arquiteto, como Martins, Ricardo Masi é urbanista de cidades e, em seus mistérios, nos interroga sobre o que nossos sentidos captam no espaço tempo de vivência, sua natureza intrincada, irregular e movente. Sabemos que a cidade é um território polifônico, instável, pronto para explodir seus desejos. É como a sentimos! Nós, espectadores de uma rede de vias, acessos, passagens, trilhas, veredas, labirinto interminável. Se a perspectiva mística do tarô pudesse ser lançada aos olhares para as mutações que essa escultura abriga, certamente é esse um arcano maior. A instabilidade e a quase iminência da queda, sua agitação de um corpo pesado, contêm uma dinâmica lenta mas de força.

Passamos para a água com os trabalhos de Clara Pignaton, Mariana Wartchow, Luciene Hibner, Glayson Arcanjo e, sempre, Regina Rodrigues. Processos de diluição, derretimento, desfazimento, dispersão, absorção e impregnação que se distanciam dos estados seco e rígido, permitindo fluidez, movimento, sonoridade. A água que constrói pode ser a mesma que destrói, e, em suas qualidades, mostram-se muitas as águas: água doce, água de sal, água que gera vida, água que cura, água que limpa ou a que suja, água que mata, que inunda e afoga ou água que muda o peso das coisas e transporta, a que se benze, a que hoje se torna o bem mais precioso do planeta, água potável.

A ductilidade da argila permite que, como uma esponja, ela guarde água dentro de si, mas, em índices de saturação, ela se desestrutura e as forças de atração são rompidas. Uma matéria que guarda vida líquida. Suas formas, como as mulheres, são intimamente úmidas.

Luciene Hibner, por sua vez, partindo da mesma lama, do barro diluído, cobre-se com ele em um sensual ensaio fotográfico. Mas o espectador percebe que o fator de atração é a volúpia da matéria, sua condição macia e brilhosa, seu escorrimento por toda a pele. A obra nos permite sentir a afetação íntima entre a artista e a lama que a envolve. Pelo registro fotográfico, Hibner permanece úmida.

A videoperformance de Clara Pignaton fabrica uma cena dramática em *Desmonte*. Como um campo minado produzido entre as colunas que se erguem e se postam como marcadores de uma ocorrência dramática. Recebem dentro de si um volume de água que

pouco conseguem conter. A princípio, a água flui por suave gotejamento e, progressivamente, carcome a parede da coluna, que, pungente, suporta seu conteúdo até a queda final. A artista segue em performance dispondo a água no interior dessas carcaças de argila, uma a uma, delicadamente. Uma rede de fios também está presente: é o sistema sonoro que Hugo Reis, artista parceiro, capta e transmite como emanção vibratória dos frágeis envoltórios.

Mariana Wartchow, a seu modo, também dialoga com a transitoriedade de modo sutil em um processo que é, desde o princípio, espiritualizado. A caminhada na praia nos fala de abandono, entrega e o acaso da concha. Sua observação relaciona-se com o budismo tibetano que elege a concha como um dos quatro símbolos maiores. A concha encontra-se quebrada e permite a visão do seu interior: deixa ver a espiral estruturante da forma, marcador também para a arte, na tão conhecida imagem geradora da proporção áurea. Ao levá-la para casa, a artista recolhe essa dimensão dupla que se constitui no seu papel de artista e meditante. É sob um exercício de meditação que ficaremos quase hipnotizados a contemplar seu fim. A concha, replicada cuidadosamente em argila se esvai, corroída pelas ondas. São 33 minutos que podem nos levar ao êxtase místico.

As águas estão poetizadas por Regina nas obras *Coral* e *Gozo*. Em *Coral*, o mar está presente em sua forma imaginada, em sonoridade presumida. Invocação oceânica, reverberam e respiram por seus tubos ocos, como foles inaudíveis. Em *Gozo*, por sua forma explícita, a água é sêmen. O jorro seminal desce por suas delicadas tramas de metal. Faz alquimia ao transformar o cobre em líquido.

É entre o seco e o úmido que esses artistas se compõem em relação, como Glayson Arcanjo, que umedece suas coloridas terras argilosas e as observa a desenhar trajetos finais de presença da água até sua final segura. São desenhos espontâneos que contam a própria composição de cada solo, como as partículas se dispersam e posteriormente se agrupam, compondo ilhas de matéria, partes que se afastam à medida que o campo aquoso se retrai e seca. Uma obra progressivamente em movimento de encolhimento. Assim, esse artista também evoca os poderes do ar, ao contar com a progressiva evaporação. Sua obra, *Paisagem suspensa*, esteve ativa durante toda a mostra, com a matéria movendo-se, partindo-se, soltando-se, criando veios, desenhando uma espécie de mosaico, com seus fragmentos compostos pelo princípio de cada substância. Algumas mais arenosas permaneceram mais estáveis, dado o peso e sua indisponibilidade – e outras, ao contrário, mais sensíveis aos elementos água e ar, sofrendo aspectos diferentes ao passar dos dias.

Isabela Sielski apresenta um tríptico de fotografias e um vídeo projetado acima desse conjunto. O vídeo central, composto com essa tríade, e seu pulmão molhado permanece nesse duo de elementos. A argila úmida em cor de ferro evoca a carne. Ao deslizar

ritmicamente suas mãos sempre molhadas por sobre as formas carnudas, em modelagem na argila crua por sobre uma mesa quase cirúrgica, hidrata e oxigena esses grandes bolsões pulmonares. *Sopro de vida* é uma obra pandêmica. A artista exorciza o pesadelo da covid-19. Promove um rito encantatório de cura.

Teresa Drago e Sarah Coeli criam estruturas abertas, arejadas, pelas quais o olhar atravessa e permite maiores contaminações dos outros objetos no espaço.

*Alinhavo* é uma instalação que perpassa verticalmente por um canto da galeria tomando o espaço do chão ao teto, em evocação da ancestralidade matrilinear. Artista negra, Coeli aprendeu a arte de crocheter com sua mãe, que, por sua vez, aprendeu com sua avó... é um trançar de eventos da feminilidade mineira, dos fios de algodão, das tramas delicadas que revestem corpos, mobiliários, o chão, as janelas, os oratórios, o espaço doméstico revestido com suas sensibilidades. A artista performou com suas delicadas agulhas de argila crua em tom de pele morena, crochitando um longo fio do ponto trança. A cada agulha quebrada, uma memória construída, uma perda sofrida, dores de mulheres.

Regina é, nesse elemento ar, a criadora de um diálogo entre materialidades: a base em cerâmica de tom marfim acolhe um recipiente de vidro que se deita sobre ela. De dentro, sai um tubo de crochê em fios de cobre. Para nós, sopro de vidro.

Teresa, em *Ciranda*, ergue um duo de placas que, aos nossos olhos, atravessa toda a galeria e, ao mesmo tempo, contém todo o espaço expositivo, um duelo entre o dentro e o fora. A artista uniu anéis de cerâmica esmaltada em tons terrosos e cremosos, com um brilho dourado suave, acetinado, criando uma miríade de cores de uma paleta que só o fogo é capaz de produzir. Sensível ao ar, vibrava. O encantamento de seu trabalho é dança.

O fogo habita *Casquinha de céu*, de Cida Ramaldes. A obra ficou disposta na linha dos olhos. Em uma sucessão, 42 pequenas cumbucas de cerâmica esmaltada, onde cristais claros se depuseram sobre um intenso azul cobalto, guardam a memória do infinito celestial, das constelações em combustão perene. Cada uma delas é um universo.

Por falar em universo, ele pode ser também construído como um fio de contas moles, derretendo-se em uma linha infinita. São feitas das sobras do torno, que Regina Rodrigues soube aproveitar em uma grande jogada de mestre. Um universo não representacional, mas puramente formal, falando de um único ente, uma coisa geométrica dos nossos tempos de calor excessivo, um tipo de círculo derretido. Deitados sobre o traço que caminha *ad eternum*; cada um desses aros moles segue sonhando em continuar com esse devaneio, jogo imaginativo que perdurará para sempre.





## Cida Ramaldes

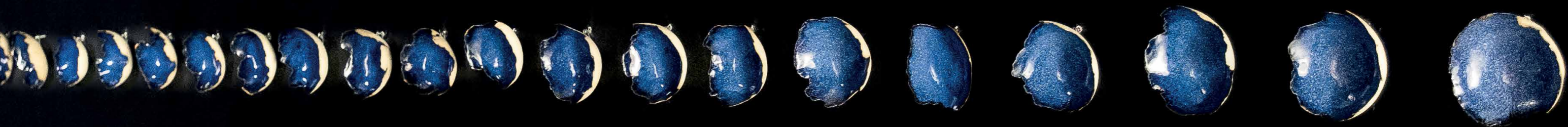
Os potes surgem a partir do vazio construído pelas nossas mãos.

Presente no inconsciente coletivo do oriente ao ocidente, a ideia do vazio reverbera também na arte e na psicanálise. Este espaço de conter que simboliza a potência criativa e geradora de vida também está na cosmologia do povo Jivaro, ameríndios que habitam a região dos Andes. Para eles “a abóbada celeste é uma grande tigela azul de cerâmica”.

Quando olhamos para o céu estrelado, vemos a beleza de um recorte da imensidão celestial que nos cobre.

Cada pequena cumbuca azul é uma casquinha celestial.

*Casquinhas de céu*  
Cida Ramaldes  
cerâmica esmaltada, 2017



## Clara Pignaton



*Desmonte*  
Clara Pignaton e Hugo Reis  
vídeo, 9min46s, 2022

*Desmonte* é uma videoperformance que pretende ser um poema visual e sonoro sobre a passagem do tempo percebido pela ação provocada por um desmanche.

A ação consiste em compor um conjunto de cilindros de barro, versar água atualizando sua função de recipiente e deixar que eles dissolvam. Os cilindros se alteram porque não estão queimados como cerâmica e por isso preservam suas propriedades.

A ação da água intensifica a fragilidade do objeto e expõe suas singularidades, uns dissolvem, outros se rompem e rapidamente desabam. Os sons captados ao enchê-los, com a movimentação da água e no impacto dos desabamentos, ampliam a percepção dos acontecimentos.

A poética do ruir se faz contemporânea: desmantelamento, desmoronamento, desmanche, desfalecimento, dissolução. Um exercício de passagem. A simplicidade da forma, o cilindro, sugere a presença de um arcabouço subjacente, uma forma primária que parece pertencer a uma lógica atemporal, muito embora a brevidade aparente em sua estrutura, do objeto inacabado, cru, frágil, deflagre a experiência da feitura.

Na perda da forma e no retorno à matéria, reivindica-se a memória do gesto. A performatividade está no objeto e não é dada por condições dedutíveis, tão logo os sons e imagens vazantes de dissolução que compõem o vídeo deslocam e desorganizam os sentidos. A água é o elemento que ativa a percepção dos movimentos daquilo que está sempre de passagem.

Desmonte  
Clara Pignatari e Hugo Reis  
Vidro  
Cronologia 1947  
202



# Gina Abreu

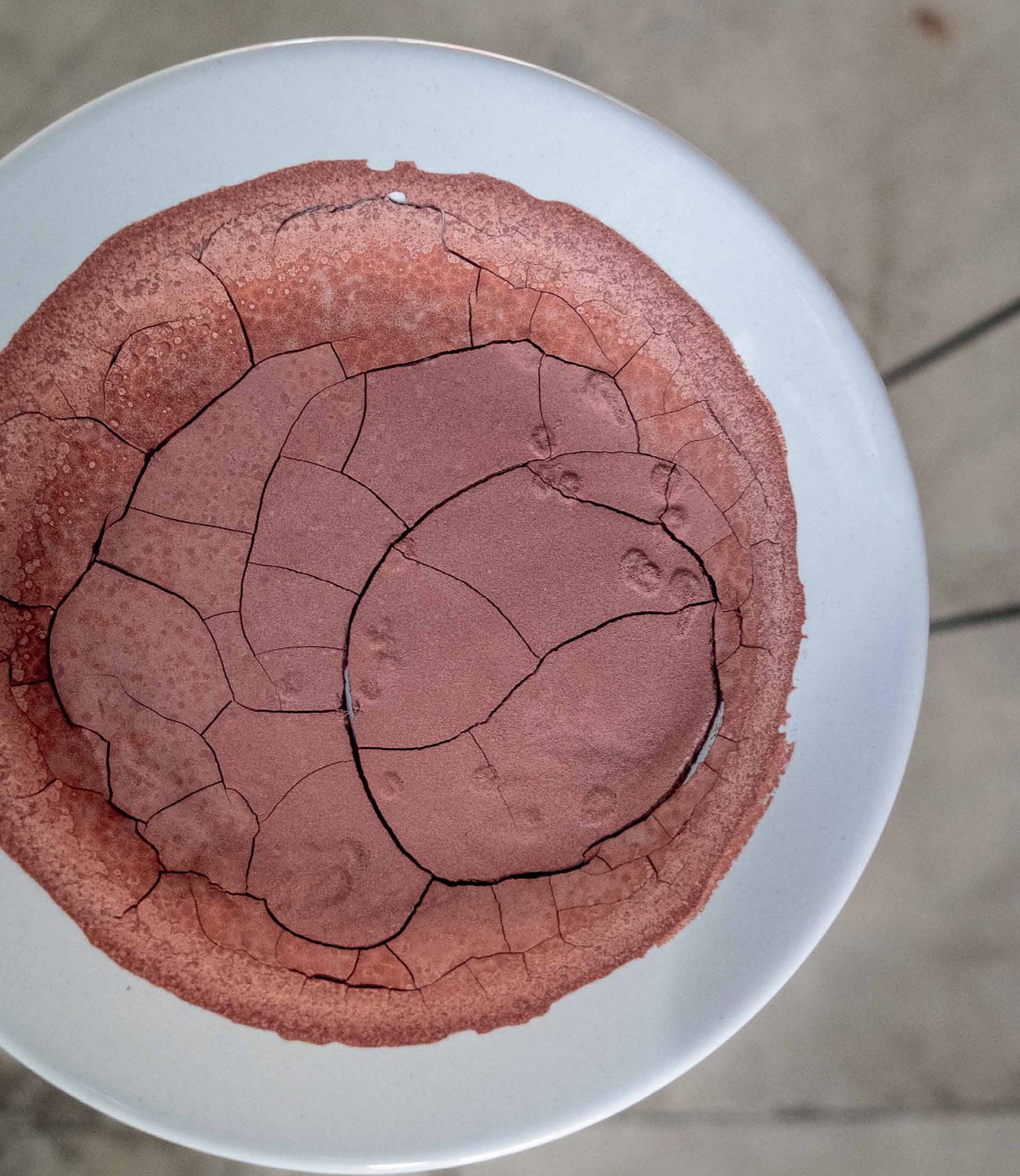
Cruzamentos de vidas, de seres, de culturas.  
Da importância do outro,  
Do coletivo,  
Das inter-relações,  
De saberes, experiências, crenças,  
Da igualdade,  
Do pertencimento,  
Da sobrevivência,  
Das escolhas, dos caminhos e do caminhar  
Dos nossos desejos e desejos alheios  
Das responsabilidades,  
Das particularidades,  
Das necessidades,  
Das dependências existenciais,  
Sobre Permitir e considerar também o outro,  
Da natureza que somos,  
Dos desejos que temos  
Do bem e do mal  
Da vida e da morte  
Do eu e do outro.



*Consume com moderação*  
Gina Abreu  
cerâmica grés com instalação, 2024



*Caminhos cruzados*  
Gina Abreu  
cerâmica esmaltada com instalação, 2024



## Glayson Arcanjo

*Paisagem suspensa* é uma instalação composta por argila, pratos de porcelana branca e bases de metal. Esses pratos, elevados pelas bases a cerca de 70 centímetros do chão, são ordenados lado a lado no espaço, numa formação circular que é espacialmente definida a partir do número de peças e da área reservada à instalação. No interior dos pratos são depositadas argilas de diferentes características físicas, mineralógicas e cromáticas, oriundas de diversos lugares e regiões do país.

Para a exposição coletiva *O Cru e o Cozido* optei por realizar a instalação com oito peças, de modo a preservar o bom desenho da exposição, ativar a relação visual e tátil com outros trabalhos expostos e garantir a circulação de visitantes. No interior dos pratos foram colocadas argilas de diferentes cores, coletadas em faixas do litoral e falésias na região sul do Espírito Santo.

Numa primeira versão do trabalho, realizada em Goiânia, em 2022, atentei em perceber solos coletados em locais onde se operam processos que aceleram a exaustão da terra, em grande parte ocasionados por sistemas predatórios de ocupação urbana e monocultura em Goiás.

Para a segunda versão da instalação, me aproximei de falésias existentes na extensa área litoral do Espírito Santo. As falésias em questão, situadas especificamente em Marataízes, numa das pontas de uma importante formação geológica brasileira que se estende por quase todo litoral: do norte do Rio de Janeiro até o sul do Amapá, conhecida cientificamente por Formação Barreiras. Meu interesse por estas formações talvez se dê pelo fato de que as falésias nos fornecem evidências da vida geológica e do constante movimento da T/terra.

A coleta de terra foi a primeira etapa de um longo processo para realização de *Paisagem suspensa*. Após a coleta, as fases seguintes foram a de separação das matérias orgânicas e minerais, seguidas da incorporação da água, intencionando realizar a filtração e sedimentação das argilas. Essa última etapa é lenta demora várias horas e às vezes dias – requer paciência e espera pela passagem das matérias mais finas pelo filtro, com seu depósito no fundo da água. Findada a filtração e sedimentação, o barro, mais fino e ainda em estado aquoso, é transferido delicadamente para os pratos de porcelana branca.



Foi feito um círculo com oito peças compostas por pratos de diferentes tamanhos e profundidades dispostos sobre bases de metal no interior da Galeria de Arte e Pesquisa. A instalação, situada num local arejado da galeria, favoreceu que as matérias depositadas no interior dos recipientes pudessem ficar em repouso, secando de forma mais lenta e natural.

Essa mistura de argila e água opera como matéria viva e em contínuo movimento. Incorporada à argila crua, a água entra em processo de evaporação lenta e contínua, que pode demorar dias e meses. Ao evaporar gradativamente, a água, ou melhor, a ausência dela, irá alterar a estrutura do barro, ocasionando a retração da forma inicial da argila, que se quebra, fragmentando-se em inúmeras partes.

No decorrer do desenvolvimento desses processos, observei diariamente as modificações nas/das matérias, vendo com encanto o surgimento de desenhos-águas; desenhos-frestas, desenhos-rios, desenhos-mares, que são aberturas surgidas pela passagem da água na superfície do barro e sua evaporação do corpo da argila crua.

Como artista, vejo no desenho um vasto campo de possibilidades para elaborar meus pensamentos e práticas em arte. Porém gosto de olhar para o desenho não somente como “coisa de lápis e papel”, mas de maneira ampliada, incorporando técnicas, materiais, superfícies e conceitos que venham se somar às pautas de minhas investigações poéticas.

O projeto inicial enviado para o edital O Cru e o Cozido, e que foi selecionado pela curadoria da exposição, me permitiu re-pensar a cerâmica, acolhendo processos e práticas em diálogo com o campo expandido, que, nos dizeres das próprias curadoras, “incorpora a queima, mas também processos onde nem tudo vai ao fogo e nem todo o receituário técnico é cumprido pelos privilégios concedidos ao aporte conceitual da obra, visando provocar artistas a se vincularem a esse território instável, continuamente em movimento”.

Incorporo afetos e memórias de vida, paisagens e matérias para a realização de uma pesquisa em arte e seus processos de criação, que vão desde observação e desenho da paisagem, passam pela caminhada e pela coleta de materiais, pelas experimentações *in loco* e por trabalhos posteriores em ateliê e/ou nos espaços de exposição. Nesses fluxos pude dedicar a atenção para a presença do barro e para a possibilidade do cru no trabalho com a cerâmica, de modo a aguçar ainda mais o meu interesse pela terra e pela água; matérias vivas, em movimento e contínua transformação.

*Paisagem suspensa*

Glaysen Arcanjo

pratos de porcelana branca, suportes de ferro e solo coletado no Espírito Santo, 2024

# Isabela Sielski

No afastamento físico dos corpos, dentro do espaço da casa/atelier, em plena situação da pandemia de covid-19 (2020-2021), criei este objeto/ação. Expressão do sentimento universal humano naquele momento, as ações realizadas a partir dos pulmões modelados em barro quiseram tornar visível o que, em seu invólucro corpo/pele, se ocultava.

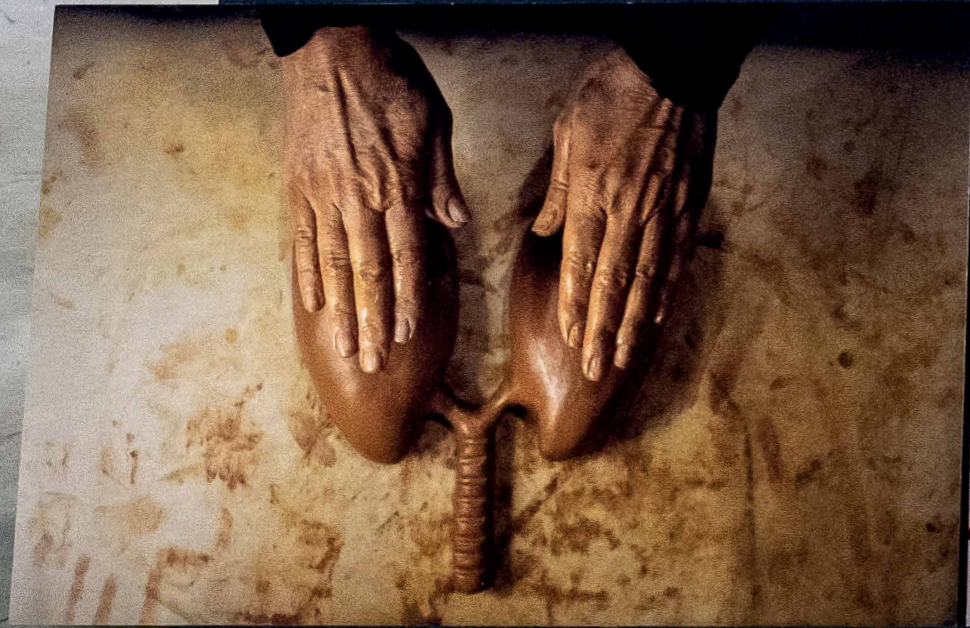
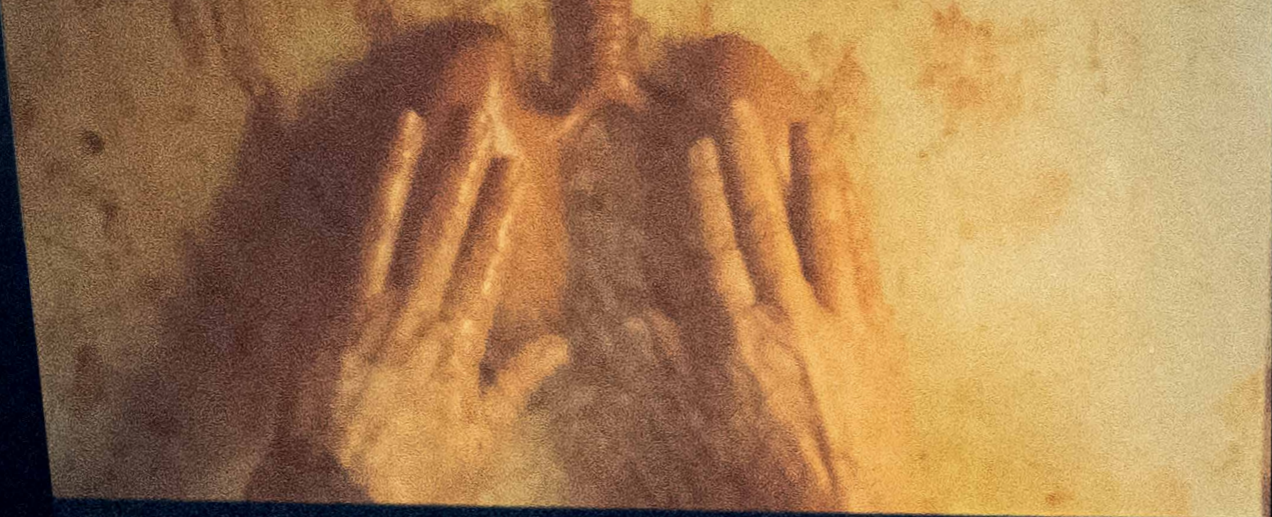
*Sopro de vida* é a denominação do tríptico que originou a videoinstalação aqui apresentada. A modelagem dos pulmões, que sem passar pela queima cerâmica foram colocados em 3 situações/ações: em um ato de doação e reverência sobre uma almofada de veludo vermelho, com a imposição das mãos sobre eles em um gesto de cura, sobre a terra como sinal de fertilidade e regeneração. Recuperando aqui o sentido simbólico atribuído historicamente a este elemento.

As marcas da modelagem deixadas pelo barro vermelho e úmido sobre o tecido (courvin) e os sons da respiração que acompanham os movimentos de carícias das mãos sobre os pulmões modelados são elementos plásticos e sonoros que buscam oferecer ao espectador uma certa aproximação ao real. Experiência sensorial que o instiga a adentrar no seu próprio “sopro de vida”.

O processo de feitura junto às sensações geradas pela fobia perante a fragilidade da saúde me fizeram pensar sobre a tênue linha entre a vida e a morte. A terra como argila/barro, assim como a terra/solo onde tudo que se planta nasce, floresce, dá vida, e a terra onde enterramos nossos entes queridos foram as matérias-primas origem da proposta *Sopro de vida*. Oferecida para todos os corpos presentes e ausentes.



*Sopro de vida*  
Isabela Sielski (fotos: Lucas Kinceler)  
videoinstalação, 2020-2024



# Luciene Hibner

## CONEXÃO MINERAL

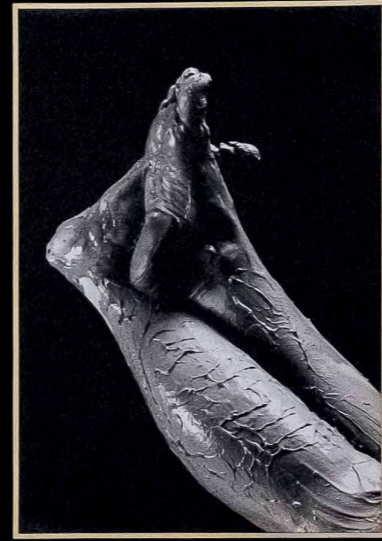
Além de criar peças, passei a querer ser a própria peça  
Fundir-me com a lama em conexão com o mineral.

Após 10 anos produzindo com barro|cerâmica  
Me permito realizar esse desejo  
Por meio de um ensaio fotográfico.

Com o corpo revestido de barro líquido  
Exploro movimentos com-posições  
Modelando a mim mesma.



*Corpo de barro*  
Luciene Hibner  
fotografia impressa em canvas, 2003



Small, illegible text or markings on the right side of the image.

# Regina Rodrigues

## A OBRA COM DELICADEZA

Apresento resultados do meu fazer cerâmica. A produção parte de dois processos de criação: a observação e a pesquisa.

Quando estou trabalhando, o silêncio faz parte do processo, pois a obra é construída a partir da matéria, não há um desenho prévio, um recolhimento ou preparação mental para a produção plástica.

A observação é um meio de pensar a obra a partir de restos, e isso pode acontecer no momento de construção das minhas obras ou olhando para o que é excluído por outro ceramista.

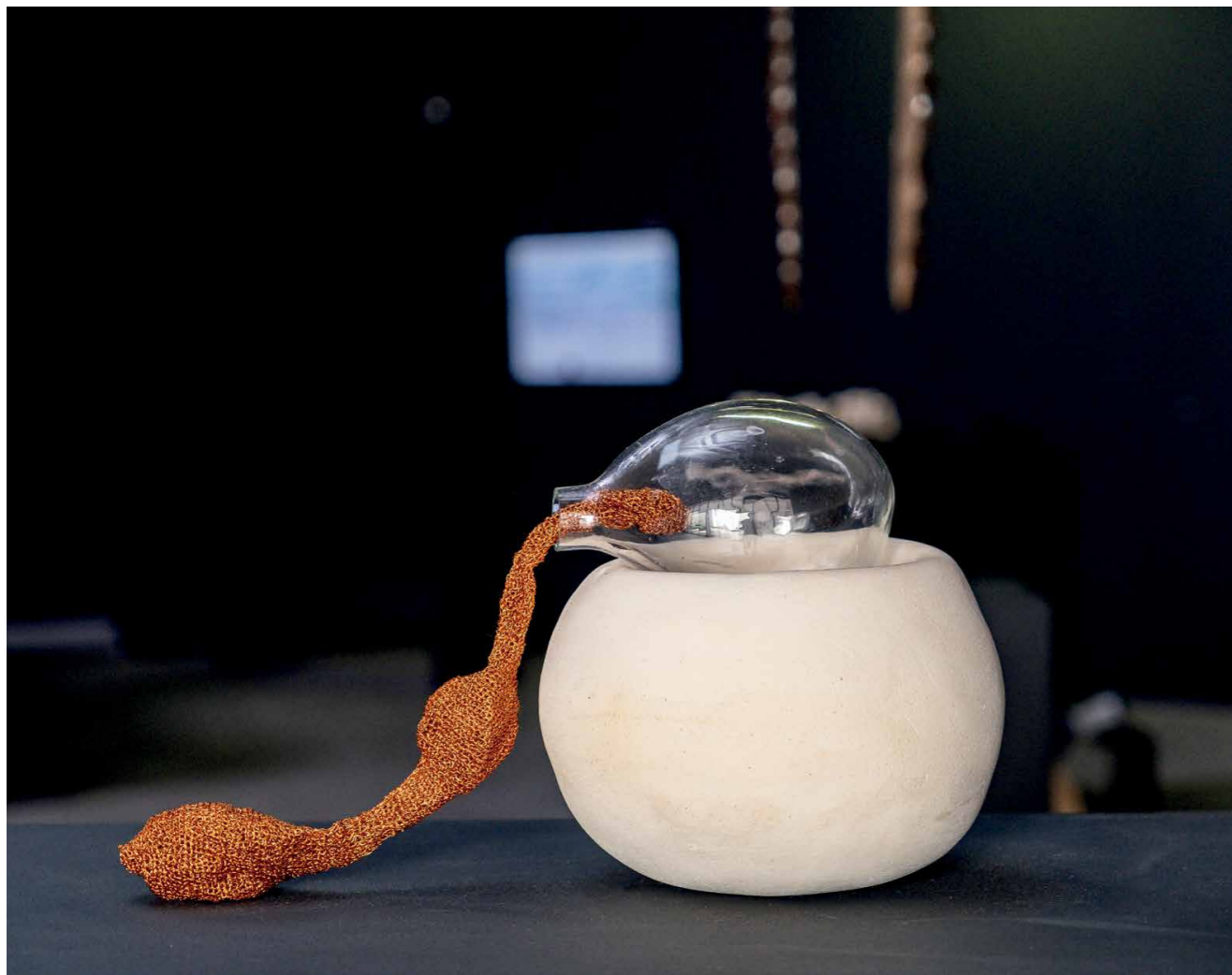
A obra *Em torno de...* foi construída depois de trabalhar com os alunos no torno, com observações constantes, quando vi a possibilidade de fazer uma obra com filetes.

A pesquisa veio primeiramente das matérias-primas, encontrando falésias de diferentes cores, criando pigmentos naturais.

Surgiram novas possibilidades usando materiais que em geral assumem o papel de revestimento na cerâmica, como o cobre, o ferro, o vidrado, transcendendo a ideia de acabamento, passando a ser parte formal da obra, ganhando uma forma autônoma. Vale dizer que, ao introduzir o cobre nas composições, crochitando com exímia paciência, pude interligar as duas formas, valorizando a obra com delicadeza.

*O cubo*  
Regina Rodrigues  
cerâmica marfim em alta temperatura encaixada no cubo de ferro, 2022





sem título (acima)  
Regina Rodrigues  
massa branco shiro, vidro moldado e crochê com fios de cobre, 2015

*Coral* (à direita)  
Regina Rodrigues  
cerâmica torneada em alta temperatura, 1992-1993





*Em torno de...*  
Regina Rodrigues  
2010

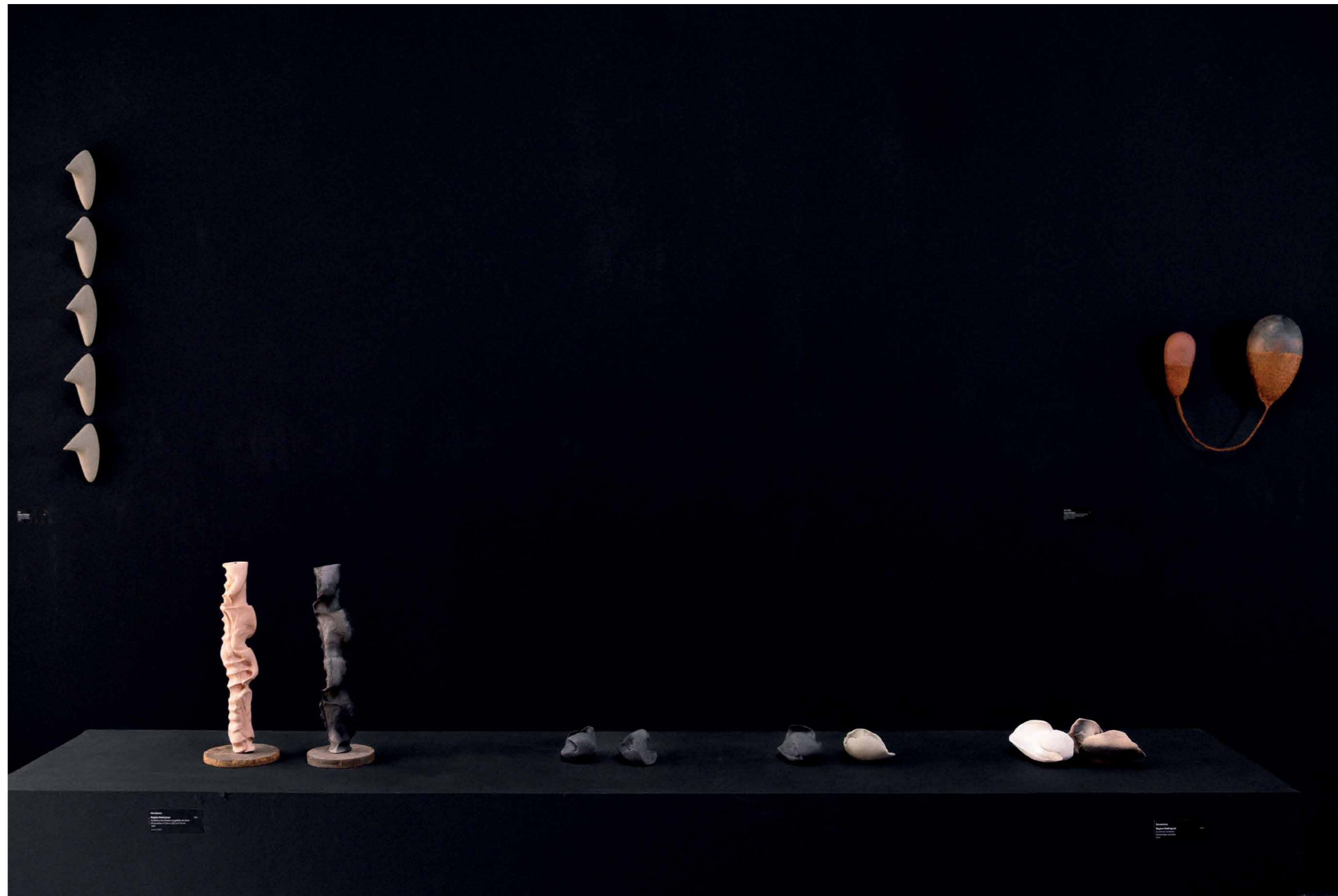
*Espinhos* (à direita, sequência de cinco peças pontiagudas na parede)  
Regina Rodrigues  
2024

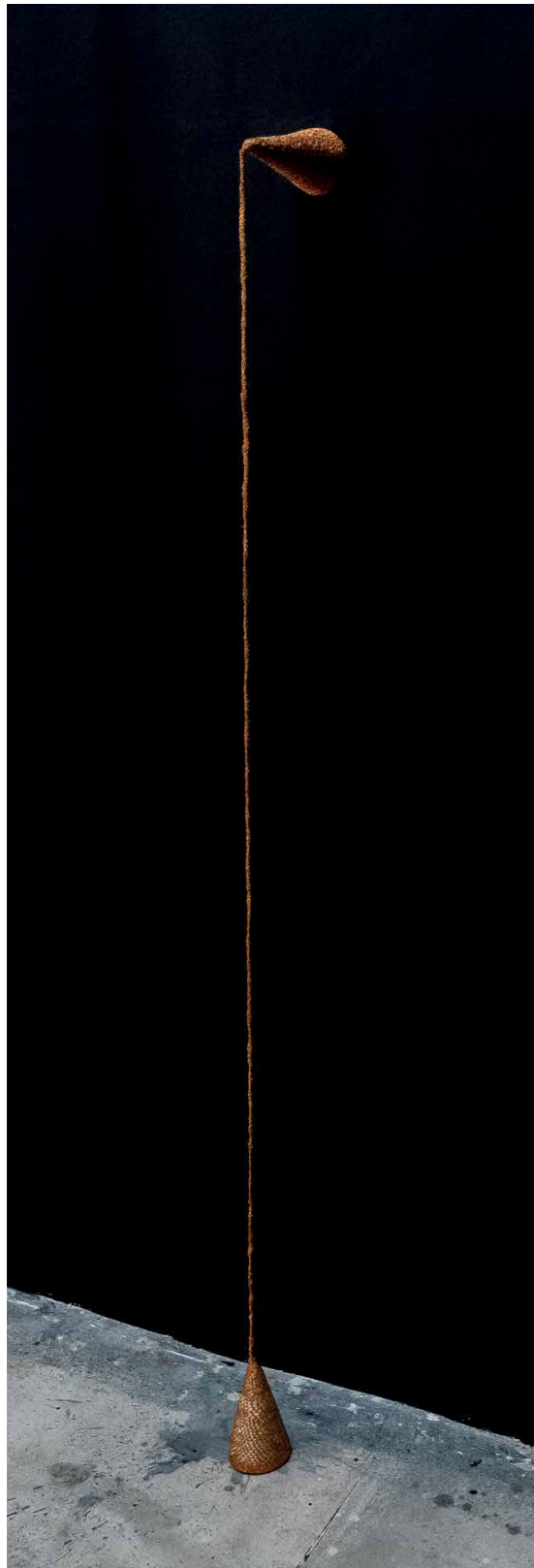
*Con(tato)* (à direita, as duas primeiras peças sobre a bancada)  
Regina Rodrigues  
1999

*Encontros* (à direita, as seis peças seguintes sobre a bancada)  
Regina Rodrigues  
2024

sem título (à direita)  
Regina Rodrigues  
2009|2010

*Con(tato) II* (abaixo)  
Regina Rodrigues  
2024

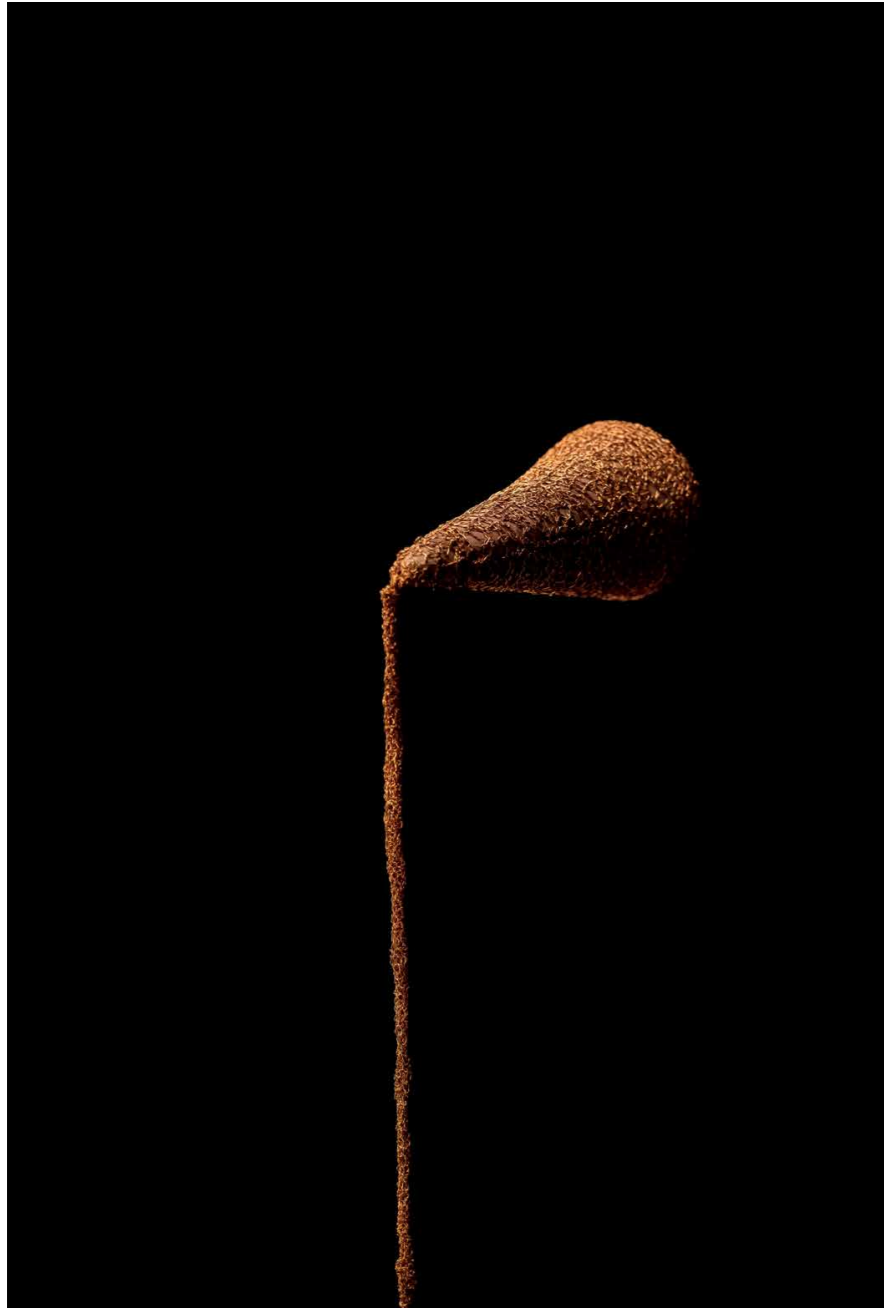




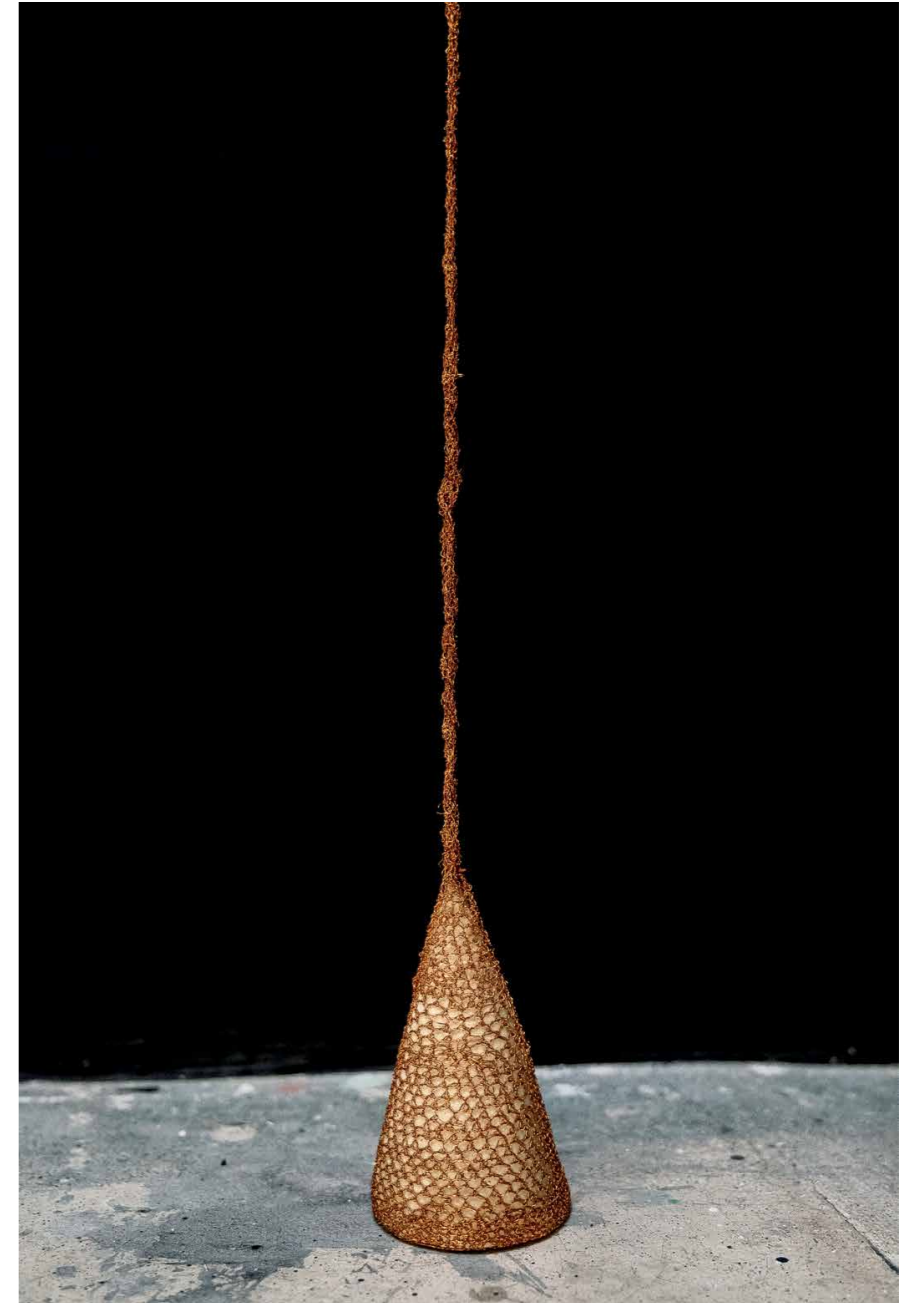
*Tensão*  
Regina Rodrigues  
cerâmica e crochê com fios de cobre, 2010

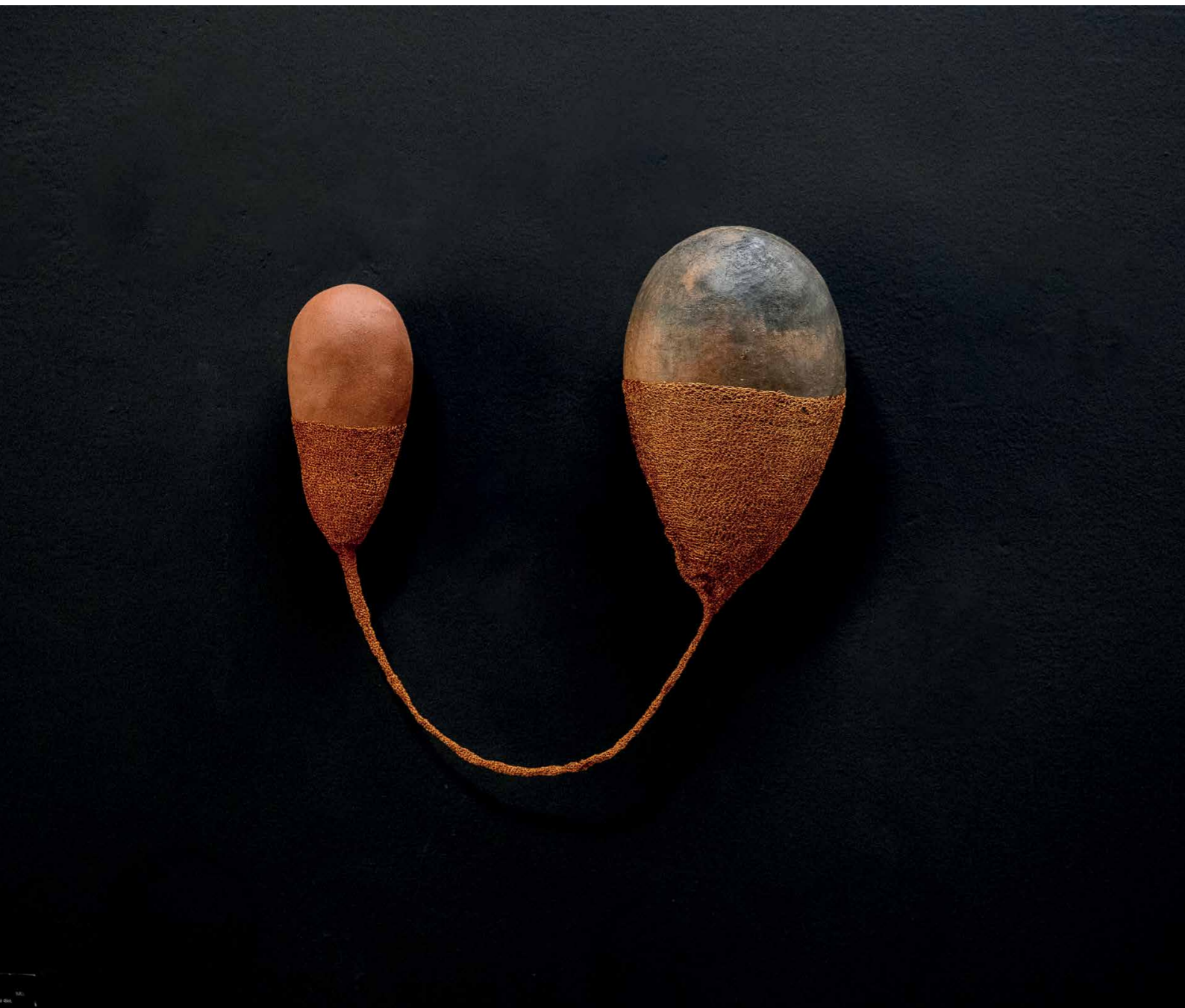
sem título (à direita)  
Regina Rodrigues  
2010





*Tensão*  
Regina Rodrigues  
cerâmica e crochê com fios de cobre, 2010

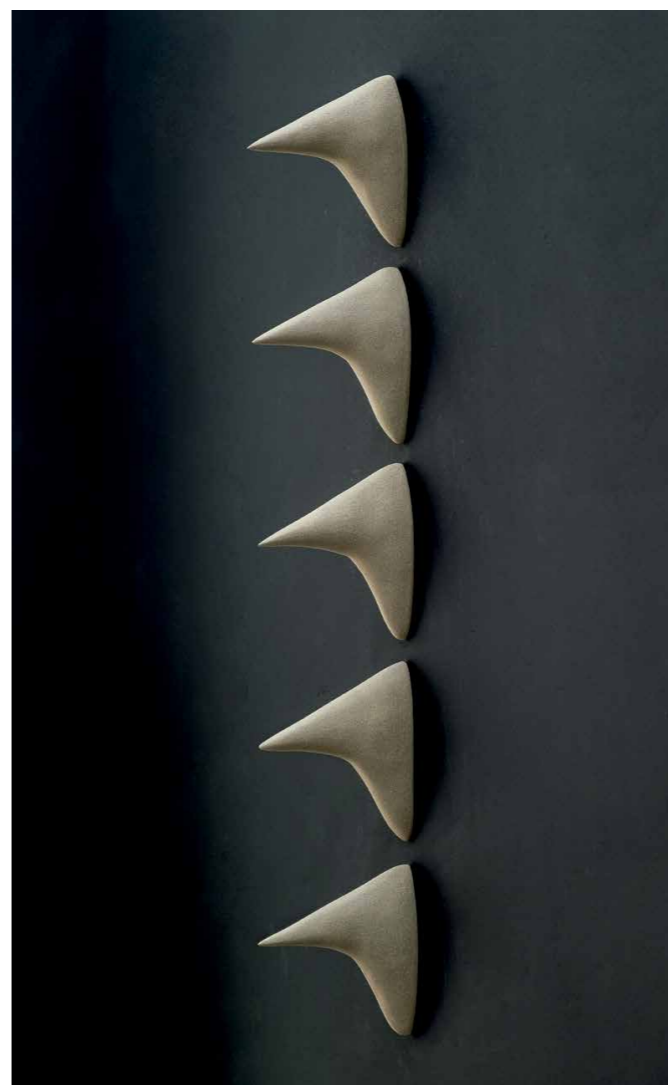




sem título (à esquerda)  
Regina Rodrigues  
2009|2010

*Espinhos* (ao centro)  
Regina Rodrigues  
2024

*Dois pontos* (abaixo)  
Regina Rodrigues  
2009





## Marcos Martins

Terra, galhos e fibras naturais que fecundam paisagens e descansam na materialidade do corpo os sentidos abrigados na maternidade vigilante da natureza; arquitetura indumentada em cadeira, design que escapa à função de ser assento e cuja sutileza evoca o silêncio eloquente da solidude, compondo-se de barro para ser corpo e abrigo, para a intimidade e o acalanto do berço-invólucro, onde o regaço do tempo conta histórias e reinaugura sorrisos, contentamentos e lembranças de um tempo que adormeceu.

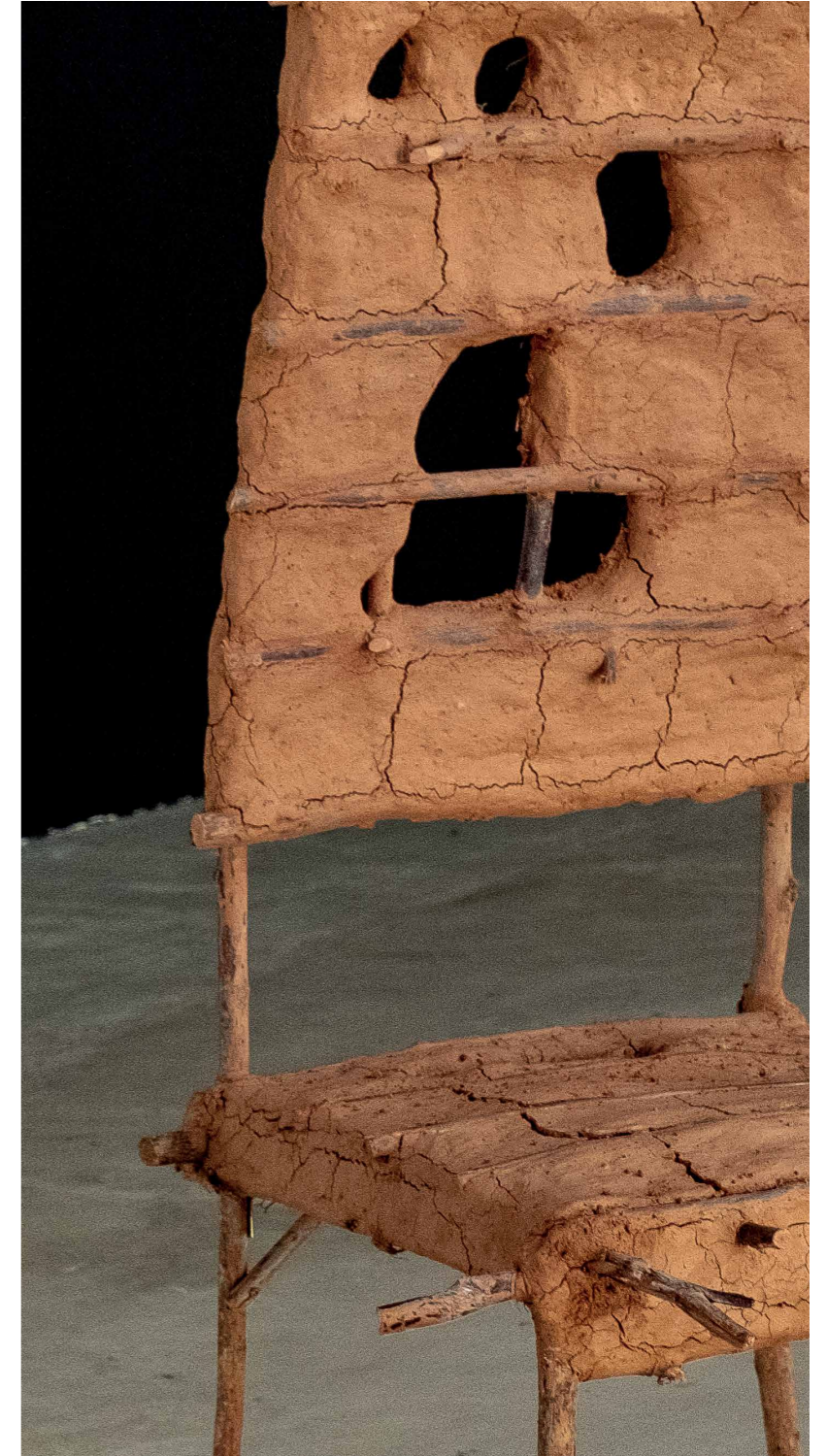
Corpo-cadeira que ao pôr-se no mundo mimetiza paisagens do sentir/viver profuso, num quase preâmbulo das transformações daquilo que é do tempo mais do que do espaço, e que são férteis ao deflagrar os desfazimentos humanos e sua essência primeira de ser jardim e abrigo para outros corpos, e para si mesmos.

Paisagens como experiências de subjetividade, proêmios que incitam os prelúdios de viver e exercitar as palavras e os olhares, enxergando nos ocos da cadeira possíveis janelas que parecem descortinar a alma e construir presenças no mundo fabulado revelando suas incompletudes.

Poética cuja crítica reflexiva antepara o mundo, desvelando o racismo ambiental nas áreas vulneráveis do campo e da cidade. Onde a própria cadeira faz-se corpo-testemunha do presente, na ancestralidade que resiste aos apagamentos e aos esquecimentos nas ruínas da alma.

Na obra a paisagem é corpo, é presente, carrega memórias e saberes que dialogam com o lugar onde estamos como gesto construirmos o futuro à frente. E, nas fadigas da vida, a cadeira será pausa, descanso e reflexão, preparando-nos para o porvir, por ser terra, traz consigo a testemunha silenciosa das histórias tombadas e das renascidas entrelaçadas aos grãos das subjetividades.

*Cadeira*  
Marcos Martins  
barro e madeira, 2024



# Mariana Wartchow

Obra em vídeo que registra o tempo natural de dissolução. É o processo, é transformação.

Transformação da argila em forma de concha, a transformação de superfícies rugosas em lisas e brilhantes através do polimento em um processo manual de tempo e observação.

A forma segue um caco de concha coletado na beira da praia, criando uma escultura ampliada de onde se inspira|respira.

Nesse momento se estabelece outro diálogo, novamente de transformação: a forma se exala tornando-se seca e rígida.

A escultura em argila volta para a praia. Agora o trabalho se faz em vídeo, só este é capaz de trazer o movimento das águas, o som do ambiente, do vento, do barulho constante do mar, num contínuo ir e vir.

São as águas que transformam.

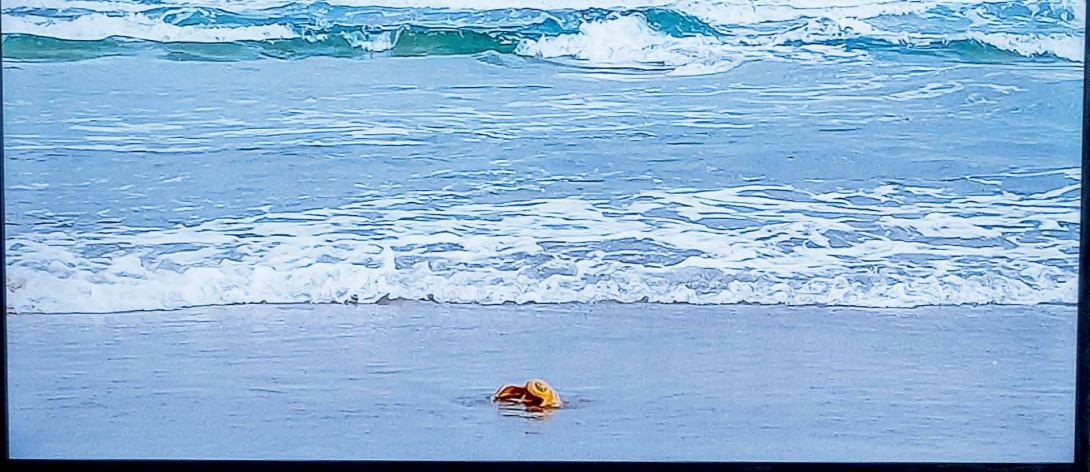
A forma contida na argila vai sendo lavada, o polimento é o primeiro a se ir. O esqueleto ainda fica, resiste, mas vai amolecendo, suas bordas, paredes e camadas, cada vez mais se integram e se entregam na areia e nas águas.

É uma contemplação de terra, água, ar e espaço. O fogo é o que ilumina e nos permite ver. Um convite a um tempo de ficar, meditar.

O vídeo, sem cortes, registra o tempo que leva até a escultura se partir e ser levada. São 33 minutos de convite para a contemplação.



*Conchas efêmeras*  
Mariana Wartchow  
vídeo, 33min, 2023







# Richard Fiorio

## TANAGRAS

As estatuetas só conseguem ser vistas por aqueles que as procuram. Delas podemos extrair suas multiplicidades, entendê-las como religiosas, votivas, lúdicas e funerárias. São apolíneas: belas, delicadas, singulares – e dionisíacas: hedonistas, lânguidas, múltiplas.

É necessário buscar aquilo que foi esquecido e entendido pelos “vitoriosos” como narrativa descartável. O momento da história no qual vivemos não permite que tenhamos um olhar acrítico para o passado.

A réplica como veículo poético pode ser uma forma preciosa de entender os processos e escolhas de artistas|artesãos que faziam arte há centenas ou milhares de anos antes do que faço hoje. Não acredito que devemos ver a história pela lente da nostalgia.

*Ménade*  
Richard Fiorio  
terracota policromada, 2023

*Dançarina (à direita)*  
Richard Fiorio  
terracota policromada, 2023





*Dançarina*  
Richard Fiorio  
terracota policromada, 2023



*Sofocleana*  
Richard Fiorio  
terracota policromada, 2023



*Ménade*  
Richard Fiorio  
terracota policromada, 2023



*Naikos II*  
Richard Fiorio  
terracota policromada, 2023



## Sarah Coeli

### ALINHAVO

na imprecisão do que foi vivido  
a matéria disposta:  
à ruptura, tanto quanto à continuação.  
uma agulha  
em ponto de: osso  
alinhava e segue  
a linha do que resta  
e do que quebra.  
o tecido, como substância e substantivo.  
participa e nomeia um corpo em vida  
em víscera.  
e como participípio  
passado do verbo tecer.  
flexionado pelo gênero  
é também um adjetivo  
para uma mulher

*Linhagem*  
Sarah Coeli  
instalação e performance, 34min, 2023-2024



# Teresa Drago

## CIRANDA

Dança de roda, música do povo. Une pessoas para celebrar colheitas, fortalecer costumes, fazer a alegria circular.

Mãos se entrelaçam e misturam passado, presente e futuro, criando uma amálgama tão sólida quanto fluida.

Ciranda é memória que resiste ao tempo, é leveza que resiste ao vento, é compasso que resiste ao inflexível.

As mãos se procuram e se encontram na Ciranda, em movimento de constante busca.

Minhas mãos encontraram Regina e a ela ofereci as minhas.

O mundo pede Ciranda.



*Ciranda*  
Teresa Drago  
cerâmica esmaltada, 2024



# Educativo

Adriana Magro

**1** O Cru e o Cozido é uma exposição que evidencia artistas, pesquisas e processos artísticos singulares. O corpo-objeto-processo que se apresenta na GAP – Galeria de Arte e Pesquisa – da Ufes é o resultado de um coletivo de artistas que desnuda a investigação em cerâmica e a situa na contemporaneidade juntamente com o debate sobre a complexificação do labor manual comumente associado à cerâmica.

O debate que se impõe, portanto, é a instauração de um lugar muito além dos lugares tradicionais aos quais, historicamente, pertencia a cerâmica. Poéticas essas que investigam peso, leveza, densidade, textura, relevo, cor, repetição e ocupação do espaço criam agora instalações, esculturas e performances.

O coletivo selecionado para esta mostra colabora para as recentes pesquisas formais e conceituais da cerâmica na contemporaneidade. A cerâmica, imersa no tecido social e presente no cotidiano dos indivíduos em contextos utilitários, é desconstruída nas poéticas deste coletivo. Até esculturas que se assemelham a lógicas práticas de uso são subvertidas de seu uso doméstico.

O convite é para o encontro de todos esses tempos, agora, num mesmo espaço.

**2** A artista homenageada nesta mostra é a ceramista e escultora Regina Rodrigues. Atenta ao caráter instável da matéria, seu processo criativo se aproxima de tal instabilidade, tornando-a elemento de interesse no diálogo com outras materialidades, como o vidro e o cobre. Seu processo de criação, portanto, encerra buscas, procedimentos, combinações e estruturas diversas.

Assim, o espaço passa a ser um corpo delicado que recebe a escultura-instalação desempenhando papel importante na estruturação da poética escultórica, revelando experiência e profunda conexão com as materialidades presentes em sua poética.

---

**3** A cerâmica é uma técnica ancestral que durante séculos viveu sob o conceito de doméstico, artesanato ou, mais contemporaneamente, de design. O Cru e o Cozido é uma oportunidade de desorganizar tais estereótipos. A modelagem, de modo geral, ocupa o imaginário e as diferentes infâncias que habitam a educação, e esta exposição oferece não somente uma ruptura com os modelos de práticas em cerâmica na educação, mas também amplifica lógicas de produção manual a partir da modelagem livre, com moldes predefinidos ou pesquisas de materiais e processos.

O campo educativo convocado pelas práticas em cerâmica presentes em O Cru e o Cozido permite diálogos interculturais e intertextuais desde os povos originários das Américas, os ritos e cerimônias orientais do chá até chegar a artistas contemporâneos, como Ai Weiwei, que, numa performance em 1995, atira no chão um vaso milenar da dinastia chinesa Han. Desse modo, o acesso ao campo educativo na prática da cerâmica continua habitual, entretanto, agora artístico.

## Biografias: curadoria

**ISABELA FRADE:** Como artista acadêmica tem feito curadorias nas galerias universitárias e centros culturais sobre as questões da cerâmica desde 2009, criando cenários para ativar o campo que identifica como cerâmica contemporânea. Com formação teórica na área de arte e comunicação pela ECA/USP, é docente no Departamento de Artes Visuais da Ufes na cadeira Escultura/Cerâmica. Coordena o projeto extensionista Percursos da Cerâmica Capixaba e seu subsidiário, Projeto Togeido, onde estuda, com a comunidade nikkei de Vitória, a cerâmica japonesa e seus desdobramentos. É docente permanente da linha Interartes e Novas Mídias no PPGA/Ufes, onde coordena o grupo de pesquisa Corpos Sensíveis da Antropocena, reunindo pesquisadores artistas interessados no diálogo da arte com o binômio natureza/cultura. Estudou na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro, de 1986 a 1994; depois se mudou para São Paulo e cursou mestrado na USP. Nesse período, frequentou o Centro de Cerâmica de Freda Duhan e as oficinas de arte do Sesc Pompeia. Trabalhou no Instituto de Artes da Uerj durante 24 anos na área de arte educação, onde desenvolveu o projeto extensionista Terra Doce, estabelecendo diálogos entre Uerj e Mangueira através do Círculo de Arte da Terra, que reuniu mulheres da comunidade e da universidade.

isabelafrade@gmail.com

**ROSANA LUCIA PASTE:** Artista plástica atuante e professora de escultura nos cursos de licenciatura e bacharelado em Artes Visuais no Centro de Artes da Ufes. Pós-doutoranda na Uerj, com pesquisa na linha Arte, Pensamento e Performatividade (2025). Doutora (2017) e mestre (2010) em Educação pelo PPGE/Ufes. Bacharel em Artes Plásticas pelo CAr/Ufes (1992). Autora do livro *eumuseu rosana paste* (2014) e do catálogo *Rosana Paste* (2004). Participou do projeto Rumos Visuais, do Itaú Cultural (1999/2000), com exposições em São Paulo, Rio de Janeiro, Ceará, Paraná. Participou de exposições coletivas nos Congressos do Mosaico Contemporâneo, no Egito, Japão, Itália, Brasil (1994, 1996, 2000, 2020). Secretária de Cultura da Ufes de 2002 a 2012. Coordenadora do curso de Artes Visuais da Ufes de 2020 a 2024. Coordenadora do projeto de pesquisa Artista-Professor: Cartografia e Processos. Vice-líder do grupo de pesquisa Estudo da Paisagem. Membro do grupo de pesquisa Criatividade, Educação e Arte.

rosanapaste@gmail.com

## Biografias: artistas

**CIDA RAMALDES:** Artista plástica com mestrado em Artes (2015) e graduação em Artes Plásticas (1999) pela Ufes. Mora em Vitória/ES, cidade onde atua como artista, poeta, ceramista, designer de produtos e de joias autorais em prata com cerâmica. Desde a década de 1990, participa de exposições de arte coletivas e individuais, no Espírito Santo e em outros estados. Seus trabalhos receberam menção honrosa no 3º Salão Nacional de Cerâmica Artística, na cidade de Curitiba/PR em 2010. Entre os anos de 2016 e 2022 realizou o No Quintal – Mercado de Ideias, no espaço de seu antigo atelier.

**CLARA PIGNATOM:** Natural de Vila Velha/ES, é arquiteta urbanista formada pela Ufes com doutorado pela UFBA e intercâmbio na Bauhaus-Universität Weimar. Atua como pesquisadora a partir de implicações culturais e estéticas pesquisando questões como a apropriação do espaço e as relações entre arte, território e natureza. Trabalha com a cerâmica como um meio para ampliar os estudos sobre a expressão artística. Lecionou no curso de graduação em Arquitetura da UFBA e na Escola Oficina de Cerâmica Kanzeon no Mosteiro Zen. Atualmente se dedica à concepção, curadoria e produção de projetos culturais coletivos que tangenciam suas pesquisas. Concebeu e curou a ocupação coletiva Não Sair Até o Rojão Estourar; curou e coordenou o ciclo formativo da residência-expedição De Burle Marx ao Vale do Rio Pancas, da residência Descarrilho e a exposição individual da artista Kyria Oliveira. Também realizou a curadoria da exposição coletiva Nenhum Objeto é Inocente, na Galeria OÁ, e a co-curadoria de Transitar o Tempo, do Museu Vale.

**GINA ABREU:** Artista ceramista brasileira, capixaba, graduada em Artes Plásticas e Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo e pós-graduada em Psicopedagogia pela Faculdade Saberes. Iniciou na cerâmica em 2007 no ateliê Ofício do Barro, em Vitória/ES. Participante de congressos, workshops e exposições coletivas. Membro da Associação de Ceramistas do ES (Cerames), que divulga a arte cerâmica, incentiva o contínuo aprendizado dos associados e oportuniza a inserção de novos ceramistas no mercado. Faz parte do Coletivo ArtMais, que, formado atualmente por 12 mulheres artistas acima de 50 anos, evidencia o fazer artístico maduro feminino.

**GLAYSON ARCANJO:** Natural de Belo Horizonte/MG, vive e trabalha em Goiânia/GO. Artista visual. Professor na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Doutor em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Campinas (2018), mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais (2008) e bacharel em Educação Artística pela Universidade Federal de Uberlândia (2006). Obras suas estão nos acervos da Pinacoteca do Estado de São Paulo, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, no Centro Cultural da Universidade Federal de Goiás e no Museu de Arte da Universidade de Uberlândia. Desenvolvida para a exposição O Cru e o Cozido na GAP, a instalação *Paisagem suspensa* possibilitou ampliar sua atenção para os lotes vagos, taludes, terrenos sem ocupação humana, áreas urbanas em processo de erosão e, em específico, para as falésias, instigando processos e estratégias de criação em proximidade às situações ocorridas na paisagem, aquelas ocasionados de forma brusca pela ação humana ou por ação do tempo e das variações climáticas. O retorno a Marataízes, cidade que o demarca corporal e afetivamente, um lugar e um tempo em sua memória, pois foi onde veio a dar os primeiros passos quando criança e que, mais recentemente, foi a cidade escolhida por seus pais para viverem a vida após a aposentadoria.

**ISABELA MENDES SIELSKI:** Artista e professora. Dedicou-se às artes do barro, cerâmica, instalação e arte colaborativa. Tem participado de exposições individuais e coletivas desde os anos 90. Doutora em Artes Visuais pela Universidad del País Vasco, Espanha, e licenciada em Educação Artística pela Udesc, Florianópolis, na qual fez parte do grupo Nha-Ú de cerâmica. Em Brasília, participou de assentamentos de populações sem-terra com D. Maria do Barro e José Luiz Kinceler. Lecionou no curso superior de Tecnologia em Design de Produto no IFSC, onde coordenou projetos de extensão, nas áreas de design social, arte e cerâmica, realizados em comunidades de baixa renda. Nesse percurso, a experiência do modo de fazer coletivo influenciou os caminhos de uma cerâmica em grandes dimensões, propostas de instalações com participação do público e o envolvimento em ações de arte relacional com o Coletivo Geodésica Cultural Itinerante, do Ceart/Udesc. Em sua produção, no espaço limítrofe de arte/vida, o objeto cerâmico funciona como um dispositivo para encontros e intervenções inesperadas, no espaço expositivo ou em encontros em ateliers, casas, ou espaço público. O caráter nômade, o deslocar-se, a perda da certeza, a quebra da rotina como meio para o acontecimento da

## Biografias: artistas

arte. Além da tradicional técnica cerâmica, o interesse nos temas da memória, da efemeridade, do desapego e da dualidade morte/vida, levou a artista ao uso da matéria em seu estado natural: o barro sem passar pelo processo da queima. A memória impregnada nos objetos no tempo em que habitam os corpos é um tema de interesse visto em instalações de objetos e roupas recobertos por barro líquido/barbotina vermelha. A partir dessas experiências, a artista apresenta a videoinstalação *Sopro de vida* na exposição coletiva O Cru e o Cozido. Proposta que retoma aspectos da efemeridade tendo o barro como metáfora da vulnerabilidade da vida. As propriedades da matéria na feitura do órgão-pulmão são captadas pela imagem em movimento/vídeo, que divide com o espectador as sensações da umidade da argila, sua textura lisa e “macia” acompanhada do som da respiração da artista. Em O Cru e o Cozido, *Sopro de vida* encontrou diálogo com as propostas que apresentam o barro em seus diferentes estados da matéria.

**LUCIENE HIBNER:** Pós-graduada em Arte Educação pela Ufes e autora do livro *Corpo de barro*. Atua como arte-educadora com crianças do ensino regular, promovendo experiências criativas e pedagógicas. Além disso, mantém um ateliê de cerâmica, produzindo peças e ministrando aulas em Vitória/ES.

**MARCOS MARTINS:** Artista visual, arquiteto e bioconstrutor poético, que nos deixou em 18 de setembro de 2025. Com pós-doutorado na FAU/USP, doutor e mestre em poéticas visuais pela ECA/USP. Professor do PPGARTES/UFC e do Centro de Artes da Ufes. Pesquisava os abrigamentos sensíveis nas práticas decoloniais da arquitetura e do corpo em espaços urbanos e na natureza, bem como as transformações nos territórios e paisagens construídas (ou desfeitas) pelo humano. Atuava entre a espacialidade, o desejo e o corpo e seus estreitamentos com a arquitetura, o design e a arte contemporânea, investigando o racismo ambiental e as transformações nos territórios. Coordenou o grupo Labterra de tecnologias e saberes ancestrais. Tem obra no acervo da Pinacoteca do Ceará. Participou das residências artísticas: Conscientizações Críticas Tecnológicas (Con/Crit/Tec) no Center for Arts, Design, and Social Research (CAD+SR); Capacete (RJ); e Barrer Todo con Agua (Havana/Cuba). Exposições individuais no Espaço 8 (SP), Sesc Fortaleza, Sesc Juazeiro do Norte e Centro Cultural Banco do Nordeste (Fortaleza). Entre as coletivas se destacam as participações no

75º Salão de Abril, 6ª Bienal do Sertão, 6º Festival ArtePraia 2023, na exposição Mestre de Obras na Galeria Marli Matsumoto, Se Arar na Pinacoteca do Ceará e 16ª mostra Verbo na Galeria Vermelho (SP).

**MARIANA WARTCHOW:** É artista, mestranda em Poéticas Visuais no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Licenciada em Artes Visuais pela mesma instituição. Integrante do grupo de pesquisa do CNPq Poéticas da Participação. Faz parte do grupo de pesquisa Arte & Natureza, Processos Híbridos ICESCO-UFRGS. Em seu trabalho aborda a relação entre arte, vida, espiritualidade e natureza, buscando criar obras favoráveis para a contemplação no cotidiano. Tem o processo da meditação como disparador para criações artísticas. Trabalha principalmente com materiais naturais, tomando os processos, interações materiais e o corpo como partes do trabalho. A proposta da exposição O Cru e o Cozido se conectou ao trabalho *Conchas efêmeras*. A matéria cozida da cerâmica não se desmancha no mar, podendo permanecer por muitos anos, assim como as conchas produzidas por moluscos. Mas a argila crua na água volta a ser lama. A relação com trabalhos a partir de uma perspectiva contemplativa, que observa o natural e as interdependências, provocou reflexões sobre as matérias e os tempos. Assim brotou o desejo de levar a concha feita em argila, após sua modelagem e polimento, de encontro ao oceano, realizando uma obra em vídeo que registra a dissolução da matéria e leva uma presença oceânica para a galeria. A obra visa trazer reflexões contemplativas para a relação entre o cru e o cozido na amplitude natural, seus tempos, transformações, permanências e impermanências. O som e o tempo de cerca de meia hora podem criar uma abertura meditativa para mergulhar e se dissolver na arte e ambiente visual que traz a constância das ondas do mar.

**REGINA RODRIGUES:** Graduada em Artes Plásticas pela Universidade Federal de Uberlândia (1981), com especialização (1992) em Arte Educação pela ECA/USP, mestrado (1988) e doutorado (2004) em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Fez pós-doutorado na Unidade de Investigação VICARTE, parceria da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa e da Faculdade de Ciências e Tecnologia (NOVA FCT) em 2014. Foi premiada com o 1º lugar em 2008 no Concurso

## Biografias: artistas

Internacional de Cerâmica de l'Alcora, na Espanha, do qual recebeu menções honrosas em 2009 e em 2013. Membro da comissão julgadora do 3º Salão Nacional de Cerâmica de Curitiba em 2010. Foi professora da Universidade Federal do Espírito Santo de 1992 a 2015; subcoordenadora e revisora de conteúdo do curso de Artes Visuais da Ufes, na modalidade de ensino a distância; organizadora dos livros da disciplina de Cerâmica para EAD, em 2011 e 2017. Pesquisadora pela Fundação de Apoio e Pesquisa do Espírito Santo (Fapes) com o projeto: O Espaço de Trabalho das Paneleiras: In-tervenção no Processo de Criação (2009/2010). Professora de cerâmica na Universidade Federal de Uberlândia de 2015 a 2018. A partir de 2019 trabalha no Ateliê da Coluna.

**RICARDO MASI:** Arquiteto e artista visual formado pela PUC/GO e mestre em Arte e Design para o Espaço Público pela Universidade do Porto, dedica-se a explorar as relações entre materialidade, corpo e espaço, questionando como o ambiente molda percepções e utopias. Sua trajetória inclui projetos como Cidades Invisíveis (inspirado em Italo Calvino), no qual traduz literatura em esculturas de papel, e intervenções como Utopias de Barro e Pedras no Caminho, que unem efemeridade e narrativas urbanas. No centro de seu trabalho atual está Impermanência, projeto que sintetiza sua investigação sobre transitoriedade, movimento e metamorfose. Utilizando materiais como barro, resina e papel – que alternam entre solidez e fragilidade –, Masi desafia a noção de permanência, propondo uma estética que celebra a precariedade. Aqui, cidades e estruturas são vistas como organismos vivos, em constante processo de transformação, refletindo a mutabilidade de corpos, objetos e pensamentos.

**RICHARD FIORIO:** É artista graduado em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (2023). Movido pela arte clássica, sua produção busca reinterpretar elementos formais e visuais da antiguidade, trazendo-os para a contemporaneidade. Através de seu trabalho, Richard explora o desejo de conexão com a história humana e seu processo de criação artística. No plano bidimensional, trabalha com desenho, gravura e pintura; no tridimensional, com a cerâmica. Por muitos séculos, a cerâmica foi considerada “arte menor”, não havendo um interesse de investigação sobre sua materialidade e funcionalidade na antiguidade. Dessa forma, Richard encontra nesse meio uma

fonte de estudo e exploração do trabalho com a argila, que é presente desde as mitologias de criação do universo do Antigo Egito, Mesopotâmia, Antiga Grécia e religiões abraâmicas, demonstrando sua conexão com a matéria e a espiritualidade humana.

**SARAH COELI:** Natural de Belo Horizonte, Sarah Coeli anima uma pesquisa poética firmada pelas matérias e pelas materialidades num gesto amplo envolvido por diferentes linguagens, como a escrita de textos e têxteis, as ações performáticas, produção de objetos, montagem de instalações, de séries fotográficas e peças audiovisuais. Busca também compor interseções com temas que passam pelo corpo e o movimento, as naturezas e as ecologias, a filosofia, histórias biográficas, de memória e do feminino. Propõe experimentos entre a linguagem e as práticas artísticas, sobretudo no universo matérico e das pesquisas poéticas, envolvendo também o estudo das línguas francesa e inglesa. Tutora do programa de residência em artes vivas Avanzada Sur, da Fundación Cuerpo Sur, no Chile; membro docente da pós-graduação Gestos de Escrita como Prática de Risco, d'A Casa Tombada; mentora do ateliê Casa Aberta – Práticas de Estímulo e Cultivo da Atividade Artística; articuladora de ações poéticas e pedagógicas no espaço comum Luiz Estrela. Conduz seu projeto independente de orientação de projetos e acompanhamento artístico Invenções Pedagógicas, em seu ateliê pessoal. Nos últimos dois anos participou de exposições em museus e centros de cultura em Brasília, Vitória, São Paulo, no estado do Rio Grande do Sul e em Belo Horizonte, onde vive e trabalha.

**TERESA DRAGO:** Graduada em Educação Artística pela Universidade Federal do Espírito Santo em 1996. Como aluna, foi monitora da disciplina Cerâmica, quando participou de festivais realizados pela Ufes e de workshops e exposições propostos pela então professora da disciplina, Regina Rodrigues. O primeiro ateliê surgiu de uma experiência no Festival de Verão da Ufes, no distrito de Nova Almeida/ES, onde foi possível pesquisar cores de argila e queimas alternativas, o que resultou em uma exposição em Uberlândia. Sócia proprietária do Tacto Atelier de Cerâmica de 2001 a 2021. Atualmente proprietária do Drago Cerâmica, onde realiza pesquisas de esmaltes, produz peças utilitárias, decorativas e ministra aulas de cerâmica. A exposição O Cru e o Cozido foi inspirada por uma obra da homenageada e pela paixão pelo torno. *Ciranda* é uma viagem/homenagem.

## Equipe GAP-Ufes | 2025

**Reitor:** Prof. Eustáquio Vinicius de Castro

**Vice-reitora:** Prof.<sup>a</sup> Sonia Lopes Victor

**Secretário de Cultura:** Rogério Borges

**Diretora do Centro de Artes:** Prof.<sup>a</sup> Larissa Fabricio Zanin

**Vice-diretora do Centro de Artes:** Prof.<sup>a</sup> Maira Pêgo

**Coordenadora da GAP:** Prof.<sup>a</sup> Cláudia França

**Vice-coordenador:** Prof. Yiftah Peled

### Equipe técnica:

Produtor cultural: Vinicius Langa

Administrativo: Cássia Aguilar

Bolsista PaEPE: Jamily Rossi Brito

### Conselho GAP:

Prof.<sup>a</sup> Cláudia Maria França da Silva

Prof.<sup>a</sup> Fabíola Veloso Menezes

Prof.<sup>a</sup> Gilca Flores de Medeiros

Prof.<sup>a</sup> Julia Rocha Pinto

Prof. Ricardo Maurício Gonzaga

Prof. Yiftah Peled

### Representantes discentes – graduação:

Maria Fernanda Lopes de Carvalho (titular)

Renzo Villa de Lima (suplente)

### Representantes discentes – pós-graduação:

Ludiane Reinholz Rodrigues (titular)

João Victor Coser (suplente)

**Curadoria da exposição:** Isabela Frade, Rosana Paste

**Curadoria educativa:** Adriana Magro

**Produção:** Isabela Frade, Rosana Paste, Déborah Pinto Corrêa

**Montagem:** Isabela Frade, Rosana Paste, Rubens Barcellos



Exposição O Cru e o Cozido: Diálogos com a Cerâmica Contemporânea realizada na GAP-Ufes de 28 de março a 28 de junho de 2024



Este trabalho atende às determinações do Repositório Institucional do Sistema Integrado de Bibliotecas da Ufes e está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

#### **Preparação de texto**

Isabela Frade, Rosana Paste

#### **Projeto gráfico e diagramação**

Arian Motta

#### **Capa**

Jamily Rossi Brito

#### **Fotógrafo**

Jocimar Nalesso

#### **Revisão de texto**

Jussara Rodrigues

#### **Finalização**

Samira Bolonha Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Editora Universitária – Edufes, ES, Brasil)

F799c Frade, Isabela.  
O cru e o cozido [recurso eletrônico] : diálogos com a cerâmica contemporânea / Isabela Frade, Rosana Paste. -  
Dados eletrônicos. - Vitória, ES : Edufes, 2025.  
51 p. : il. ; PDF, 10 MB. - (Série Cultura Ufes; 6)  
  
ISBN: 978-65-998311-5-7  
Também publicado em formato impresso.  
Modo de acesso: <https://repositorio.ufes.br/handle/10/774>  
  
1. Cerâmica. 2. Arte. 3. Curadoria. I. Paste, Rosana. II. Título.  
III. Série.

CDU: 7

Elaborado por Ana Paula de Souza Rubim – CRB-6 ES-000998/O

Esta obra foi composta com  
a família tipográfica Sukhumvit Set.



